

REVISTA

AUTISMO

#AutismoValorizeCapacidades

Ano XI - Nº 26 - SET/OUT/NOV.2024



Suicídio

Um assunto que precisa
ser tratado assim,
bem de perto.

Exemplar de
Assinante / Distribuição
VENDA PROIBIDA



**Parecer 50:
consensos
possíveis e
impossíveis**

**Teoria da
dupla
empatia**

**Courtney Love
e o autismo**



Mais no

Além do app,
agora temos o
Saúde no Espectro.



saúde espectro* com a tismoo*me*

* Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e outras condições do neurodesenvolvimento, como a Síndrome de Rett, CDKL5, Síndrome de Timothy, Síndrome do X-Frágil, Síndrome de Angelman, Síndrome de Phelan-McDermid, entre outras neurodivergências.

Desenvolvemos o primeiro serviço de saúde para monitoramento e melhoria da **qualidade de vida** da pessoa autista, síndromes relacionadas, condições do neurodesenvolvimento e sua família.

Não é tratamento! O **Saúde no Espectro** é um serviço que acolhe, cuida, orienta e monitora a saúde física, mental e social das pessoas autistas. E tudo baseado em evidência e metodologia científicas.

A Tismoo.me investe na **Saúde 5.0**: tecnologia a serviço da saúde, com a pessoa autista como centro do cuidado.



SAIBA MAIS

Índice

Colunas

- MATRAQUINHA 12
- TUDO O QUE PODEMOS SER 24
- LIGA DOS AUTISTAS 31
- TRABALHO NO ESPECTRO 38

Sessões

- O QUE É AUTISMO? 08
- O QUE É A REVISTA AUTISMO? 09
- HQ - ANDRÉ E A TURMA DA MÔNICA 10
- CANAL AUTISMO 48

Reportagem de Capa

Suicídio de Autistas 43

UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA
QUE PRECISA SER MAIS
DISCUTIDO ABERTAMENTE

Reportagens e artigos

- JAMEF MOSTRA COMO UNIR AUTISMO A “OPERAÇÃO COM PROPÓSITO” 14
- PARECER 50: OS CONSENSOS POSSÍVEIS E IMPOSSÍVEIS 16
- EXPOTEA LEVOU MAIS DE 10 MIL PESSOAS A EVENTO DE AUTISMO EM SP 22
- ‘QUERO TE CONTAR COMO É SER AUTISTA NO MERCADO DE TRABALHO’ 28
- A INFÂNCIA DE COURTNEY LOVE E O AUTISMO 34
- TEORIA DA DUPLA EMPATIA 40

Leia este QR-code
com seu celular e
acesse a versão
online desta edição
com conteúdo extra.



Editorial

O suicídio entre pessoas autistas é uma questão de saúde pública grave que precisa ser tratada com a seriedade e a urgência que merece. Os números alarmantes, que apontam uma taxa de suicídio significativamente mais alta entre autistas, em comparação com a população geral, são um reflexo claro da negligência em discutir e enfrentar essa realidade de forma aberta e inclusiva. No entanto, apesar da severidade do problema, o tema ainda é amplamente subnotificado e subvalorizado nas políticas públicas, resultando em uma falta de suporte adequado para essa parcela vulnerável da população.

É essencial que a sociedade — incluindo profissionais de saúde, familiares e os próprios autistas — se mobilize para mudar esse cenário. Precisamos, como comunidade, abraçar a responsabilidade de falar sobre suicídio entre autistas com respeito, cuidado e empatia, mas sem esconder a gravidade do tema. O silêncio e a omissão não são mais aceitáveis. É imperativo que ações concretas sejam tomadas para oferecer suporte adequado e prevenir novas tragédias. Esta **Revista Autismo** se compromete a continuar

trazendo à tona discussões difíceis, mas necessárias, para que possamos, juntos, construir um futuro mais justo e inclusivo para todas as pessoas autistas e suas famílias.

Fazer essa reportagem exigiu diversos cuidados. A abordagem respeitosa e humanizada para que as entrevistas a autistas não despertassem nenhum sentimento negativo, o cuidado com cada pergunta e a meticulosidade em seguir as orientações do Centro de Valorização da Vida (CVV) para publicações a respeito de suicídio na imprensa foram essenciais para um resultado profissional.

Para além da reportagem de capa, a edição traz, como sempre, muito conteúdo interessante, produzido por autistas, por familiares, por especialistas — e toda a interseção possível entre essas características dos autores. A série sobre Courtney Love, de Sophia Mendonça, o artigo sobre dupla empatia, de Fátima de Kwant, a reportagem sobre o parecer 50, de Tiago Abreu, a carta de Roseli Claro são só alguns exemplos. Espero que goste da edição e nos dê sua opinião por email ou nas redes sociais. Boa leitura!

Francisco Paiva Jr.



Francisco Paiva Junior, editor-chefe da Revista Autismo, é jornalista, pós-graduado em jornalismo e segmentação editorial, autor do livro "Autismo — Não espere, aja logo!" (editora M.Books) e pai do Giovani, de 17 anos, que tem autismo e sabe tudo sobre super-heróis e zumbis, e da Samanta, de 15 anos, que tem chulê e é exímia desenhista.

NOTA DO EDITOR

Você pode reproduzir nossos textos e artigos sem prévia autorização, livremente, desde que cite a fonte (**Revista Autismo**) e o autor — em sites, faça um link para a versão online do conteúdo. Apenas para uso comercial, é necessário solicitar autorização, escrevendo para editor@RevistaAutismo.com.br. Para sugerir pautas e temas de reportagens, envie mensagem para o mesmo email citado acima.

Como citar artigos publicados nesta revista (padrão ABNT):

AUTOR. Título do artigo ou da matéria, subtítulo. **Revista Autismo**, São Paulo, ano da revista, número da edição, páginas inicial-final, mês ano de publicação.

Exemplo: MUOTRI, A.. Minicérebros humanos, um novo modelo experimental para o estudo do TEA. **Revista Autismo**, São Paulo, ano V, n. 4, p. 44-46, mar. 2019.

Nossos Canais

Acompanhe nossas redes sociais e compartilhe. Nós postamos sempre informação de qualidade, com fontes seguras. Siga nossos perfis, deixe seu comentário e interaja com os demais leitores. Se quiser nos enviar uma sugestão de pauta, envie para nós um email (veja nesta página ou no expediente).



[instagram.com/
RevistaAutismo](https://www.instagram.com/RevistaAutismo)



[fb.com/
RevistaAutismo](https://www.facebook.com/RevistaAutismo)



[twitter.com/
RevistaAutismo](https://twitter.com/RevistaAutismo)



[youtube.com/user/
RevistaAutismo](https://www.youtube.com/user/RevistaAutismo)



[linkedin.com/company/
RevistaAutismo](https://www.linkedin.com/company/RevistaAutismo)



[threads.net/
@RevistaAutismo](https://www.threads.net/@RevistaAutismo)

Quem
colabrou
nesta edição



ALYSSON
MUOTRI
neurocientista



FATIMA DE
KWANT
neurocientista



ROSELI
CLARO
atendente



MARCELO
VITORIANO
psicólogo



PRISCILA
JAEGER LUCAS
antropóloga



WAGNER
YAMUTO
empreendedor



MARCIA
MACHADO
arquiteta



NICOLAS
BRITO SALES
fotógrafo



TIAGO
ABREU
jornalista



SOPHIA
MENDONÇA
jornalista

Apoie este projeto:
CanalAutismo.com.br/apoie

Assine e receba em casa
CanalAutismo.com.br/assine

CanalAutismo.com.br/Revista

redacao@RevistaAutismo.com.br

Artistas que ilustraram esta edição



Lucas Ksenhuk

Artista plástico, 21 anos, autista, sua obra sempre está nas principais exposições de rua de SP.

📧 lucasksenhuk.com
📷 [@lucasksenhuk.art/](https://www.instagram.com/lucasksenhuk.art/)



Camila Chair

Formada em animação, cursou biologia, tem 33 anos, é vegetariana e seu hiperfoco são dinossauros e répteis, desde os 10 anos.

📧 [deviantart.com/freakyraptor](https://www.deviantart.com/freakyraptor)
📷 [@camila_alli](https://www.instagram.com/camila_alli)



Bia Raposo

Artista plástica, arte educadora e provocadora cultural, ilustra a coluna "matraquinha" desde a primeira vez que a leu. Se apaixonou.

📷 [@biabiapaposo](https://www.instagram.com/biabiapaposo)



Letícia Gomes

Autista diagnosticada na idade adulta, gosta de design e ilustração, além dos seus gatos e família.

📷 [@leh.opato](https://www.instagram.com/leh.opato)



Maurício De Sousa

Desenhista, pai da Turma da Mônica, colabora com a Revista Autismo desde o início de 2019, através do Instituto Maurício de Sousa.

📷 [@institutomauriciodesousa](https://www.instagram.com/institutomauriciodesousa)
📷 [@turmadamonica](https://www.instagram.com/turmadamonica)



Samyra Oliveira

Estudante, nascida em 2008, desenha desde sempre, mas começou a investir mais na área aos 9 anos. Passa a maior parte do tempo desenhando ou abrindo insetos.

Quer ter uma ilustração publicada na Revista Autismo?

Leia as instruções no rodapé desta página.



Alexandre Beraldo

Designer de formação, músico e grafiteiro por paixão, pai do Caetano e editor de arte dessa revista linda.

📷 [@xandeberaldo](https://www.instagram.com/xandeberaldo)



Fábio Sousa (tio.faso)

Designer de formação, ilustrador por paixão, bonequeiro profissional e autista diagnosticado tardiamente.

📷 [@seeufalarnaosaidireito](https://www.instagram.com/seeufalarnaosaidireito)



Samanta Paiva

Estudante, irmã de autista, filha do editor da revista, desenha nos tempos livres, cria o tempo todo, tem 15 anos, é fã do filme Black Phone e da série Stranger Things



Fernanda Barbi Brock

Artista, ilustradora, possui título de licenciatura em educação artística (hab. artes plásticas) e designer de moda.

📷 [@fer.barbi.brock](https://www.instagram.com/fer.barbi.brock)

Quer colaborar com a Revista Autismo?

Se você é artista e autista, e também quer colaborar com a Revista Autismo, envie um email para editor@RevistaAutismo.com.br, se apresentando e mandando um link de seus trabalhos artísticos (pode ser um Instagram ou catálogo digital).

O que é AUTISMO

Saiba a definição do transtorno do espectro do autismo

por **Francisco Paiva Junior**

O autismo — nome técnico oficial: transtorno do espectro do autismo (TEA) — é uma condição de saúde caracterizada por déficit na comunicação social (socialização e comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesse restrito ou hiperfoco e movimentos repetitivos). Não há só um, mas muitos subtipos do transtorno. Tão abrangente que se usa o termo “espectro”, pelos vários níveis de suporte que cada subtipo necessita — há desde pessoas com condições associadas (coocorrências), como deficiência intelectual e epilepsia, até pessoas independentes, que levam uma vida comum. Algumas nem sabem que são autistas, pois jamais tiveram diagnóstico.

As causas do autismo são majoritariamente genéticas. Confirmando estudos recentes anteriores, um trabalho científico de 2019 demonstrou que fatores genéticos são os mais importantes na determinação das causas (estimados entre 97% e 99%, sendo 81% hereditário — e ligados a quase mil genes), além de fatores ambientais intrauterinos (de 1% a 3%) ainda controversos, que também podem estar associados como, por exemplo, a idade paterna avançada ou o uso de ácido valpróico na gravidez. Existem atualmente 1.191 genes já mapeados e implicados como possíveis fatores de risco para o transtorno — sendo 134 genes os principais.

Tratamento e sinais

Alguns sinais de autismo já podem aparecer a partir de um ano e meio de idade, e mesmo antes, em casos mais graves. Há uma grande importância em iniciar o tratamento o quanto antes — mesmo que seja apenas uma suspeita clínica, ainda sem diagnóstico fechado —, pois quanto mais cedo começarem as intervenções, maiores serão as possibilidades de melhorar a qualidade de vida da pessoa. O tratamento psicológico com maior evidência de

eficácia, segundo a Associação Americana de Psiquiatria, é a terapia de intervenção comportamental. O tratamento para autismo é personalizado e interdisciplinar. Além da psicologia, pacientes podem se beneficiar com fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outros, conforme a necessidade de cada autista. Na escola, um mediador pode trazer grandes benefícios no aprendizado e na interação social.

Até agora, não há exames de imagem ou laboratoriais que sejam definitivos para diagnosticar o TEA.

Alguns sintomas podem ser tratados com medicamentos, que devem ser prescritos por um médico.

Em 2007, a ONU declarou todo 2 de abril como o Dia Mundial de Conscientização do Autismo, quando monumentos e prédios icônicos do mundo todo se iluminam de azul (cor escolhida por haver, em média, 4 homens para cada mulher autista).

O símbolo do autismo é o quebra-cabeça, que denota sua diversidade e complexidade.

O dia 18 de junho é o Dia do Orgulho Autista — representado pelo símbolo da neurodiversidade, o infinito (lemniscata) com o espectro de cores do arco-íris, considerando o autismo como identidade, uma característica da pessoa — celebrada originalmente pela organização britânica *Aspies for Freedom* (AFF), a partir de 2005.

Consulta médica

Veja a seguir alguns sinais de autismo. Apenas três deles numa criança de um ano e meio já justificam uma consulta a um médico neuropediatra ou a um psiquiatra da infância e da adolescência. Testes como o M-CHAT-R/F (com versão em português) estão disponíveis na internet para serem aplicados por profissionais.

Todas as referências, links e mais informações estão na versão online deste artigo.

As informações a seguir não dispensam a consulta a um médico especialista para o diagnóstico

Sinais do Autismo



Não manter contato visual por mais de 2 segundos;

Não atender quando chamado pelo nome;

Isolar-se ou não se interessar por outras crianças;

Alinhar objetos;

Ser muito preso a rotinas a ponto de entrar em crise;

Não usar brinquedos de forma convencional;

Fazer movimentos repetitivos sem função aparente;

Não falar ou não fazer gestos para mostrar algo;

Repetir frases ou palavras em momentos inadequados, sem a devida função (ecolalia);

Não compartilhar interesse;

Girar objetos sem uma função aparente;

Apresentar interesse restrito por um único assunto (hiperfoco);

Não imitar;

Não brincar de faz-de-conta;

Hipersensibilidade ou hiperreatividade sensorial.

O que é a REVISTA AUTISMO

A **Revista Autismo** é uma publicação gratuita, impressa e digital (acesse pelo QR-Code da página do índice), trimestral, feita por ilustradores, colunistas e jornalistas autistas, além de familiares e especialistas.

É a primeira publicação periódica sobre autismo na América Latina e a primeira do mundo em língua portuguesa nesse tema. Fundada em 2010, a

Revista Autismo segue firme na missão de disseminar informação de qualidade a respeito de autismo e outras condições de saúde relacionadas, com muito profissionalismo, imparcialidade e pluralidade de vozes.

Você pode baixar todas as edições, na íntegra, no nosso site gratuitamente, pode retirar em uma das instituições que distribuem a revista em todos os estados do Brasil, além de poder assinar, pagando somente o custo de envio e recebendo a revista impressa em sua casa, além de poder tornar-se um apoiador digital.

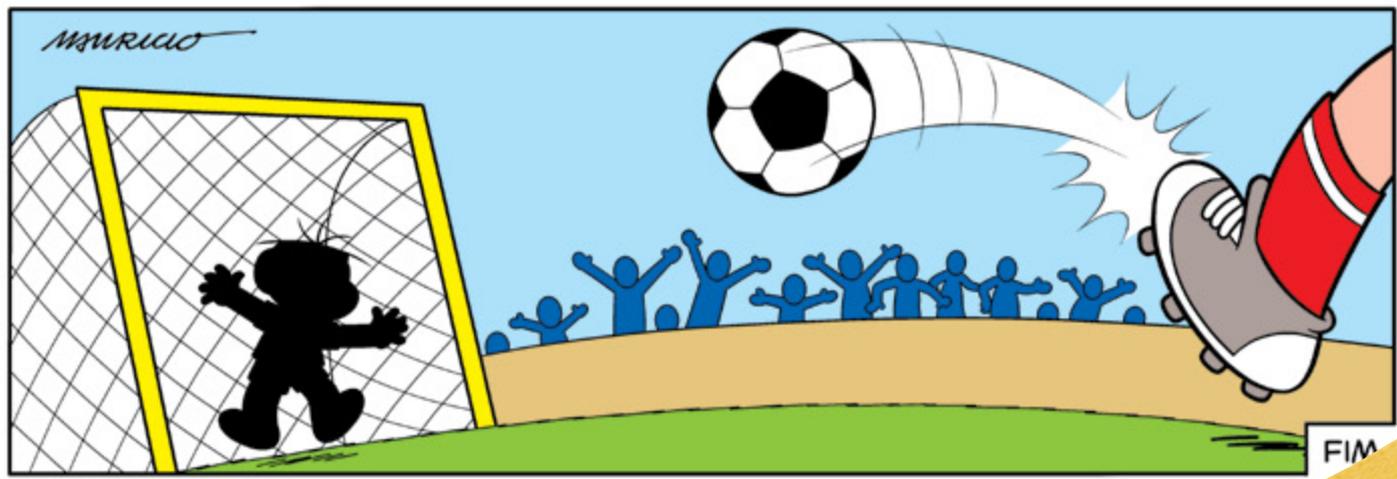
Siga-nos nas redes sociais e acompanhe nossa publicação diária de notícias e artigos no site CanalAutismo.com.br.





ANDRÉ em MEU AMIGO É UM ANJO

© Instituto Mauricio de Sousa - Brasil / 2024



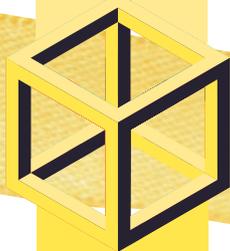
Quer saber mais sobre autismo?



Faça como milhares de pessoas.
Assine já e receba a **Revista Autismo** no seu endereço, pagando somente o frete e apoiando este projeto para alcançarmos mais e mais pessoas.

Assine a revista impressa:
CanalAutismo.com.br/assine

Apoie a versão digital:
CanalAutismo.com.br/apoie



Abraçando a jornada: reflexões de um **pai** de **criança autista**

Querido pai,

Se você é um pai de uma criança autista, peço que continue lendo.

O medo do desconhecido é enorme, mas trilhar esse caminho ao lado da pessoa amada faz uma grande diferença na vida dos nossos filhos. E acredito que na sua também.

Não vou mentir: não é fácil e nem será. Romantizar essa jornada não é a minha intenção.

Mesmo com todos os desafios diários que envolvem o cuidado com uma criança autista, ainda é possível sorrir e se divertir. Você pode apreciar um café, sentir o cheiro da chuva, abraçar seu filho, nem que seja por alguns segundos, andar de mãos dadas com sua companheira e ter uma vida de casal. Tudo isso é possível com alguns ajustes na rota.

Eu gostaria de ter todas as respostas para suas dúvidas, mas preciso ser sincero e dizer que não sei. Não sei o que o amanhã trará, não sei como será daqui a cinco minutos, simplesmente não sei.

Estou aprendendo a ser pai de um autista e não sei o quanto ele compreende da vida, mas uma coisa eu sei: ele sabe o quanto minha esposa e eu o amamos. Ele recebe amor da irmã, dos avós, tios, primos e amigos. Fazemos questão de dizer o quanto ele é amado e respeitado por todos.





Wagner Yamuto

é pai do Gabriel (autista) e da Thata, casado com a Grazy Yamuto, fundador do Adoção Brasil, criador do app Matraquinha, autor e um grande sonhador.

 [matraquinhaoficial](#)
 [@matraquinhaoficial](#)
 [matraquinha](#)
 [matraquinha.com.br](#)

Se você estiver pensando em desistir, sugiro que respire fundo. Muitas vezes, tudo o que precisamos é de um abraço, e ele pode estar mais perto do que você imagina.

Não sou ninguém para pedir isso e não pago suas contas, mas peço que feche os olhos e relembre os momentos felizes que já viveu. Tenho certeza de que esses momentos continuarão a ser criados. É doloroso ver pais deixando de criar essas memórias.

No final, o que fica são as boas lembranças. Mesmo com todos os desafios diários que podem estar te aborrecendo agora, amanhã eles serão lembranças divertidas. Como o dia em que meu filho me derrubou no shopping, o dia em que caímos do carrossel e fiquei com as costas doloridas por um mês, ou quando ele pegou a comida do prato de outra pessoa no restaurante, ou aquela crise que ele teve no shopping e fez com que chamassem a brigada de incêndio.

Divirta-se, permita-se rir dos momentos em que ninguém mais está rindo. A vida é uma fração de segundos, e em um piscar de olhos, tudo pode mudar. Mas as memórias criadas ao lado de quem amamos são incríveis e duradouras.

Sinta-se abraçado.



JAMIEF MOSTRA COMO UNIR AUTISMO A ‘OPERAÇÃO COM PROPÓSITO’

Texto por Francisco Paiva Junior

Ilustração: Samanta Paiva



A **Jamef Transportes**, consolidada como uma das maiores empresas de transporte e logística do Brasil, reafirma seu compromisso com temas sociais ao dedicar esforços significativos à causa do transtorno do espectro autista (TEA). Desde 2013, a companhia mantém uma parceria sólida com a **Revista Autismo**, a primeira mídia especializada em língua portuguesa dedicada ao TEA.

O principal objetivo desta parceria é disseminar conhecimento e promover transformações positivas no cotidiano de pessoas do espectro, seus familiares, os profissionais da área e a sociedade como um todo. A importante missão de educar e informar é fortalecida anualmente, atingindo cada vez mais pessoas e comunidades pelo país.

Em 2023, a Jamef Transportes distribuiu, gratuitamente, 9.885 exemplares da Revista Autismo em todo o território nacional. A ação visa não apenas aumentar a conscientização sobre o TEA, mas também fornecer informações atualizadas aos seus leitores.

Além da distribuição externa, a Revista Autismo também disponibiliza sua versão digital para assinantes e interessados no tema pelo site **canalautismo.com.br**. Internamente, a Jamef, que sempre promove uma cultura inclusiva e empática, realiza a divulgação

da parceria e disponibiliza o material para todos os colaboradores.

CARRETAS PERSONALIZADAS

Para dar ainda mais visibilidade à causa, recentemente, a Jamef personalizou duas carretas da frota com o símbolo e mensagem que representam o TEA. Os veículos já estão em circulação e têm a missão de percorrer o Brasil, levando a importante mensagem de conscientização para diversas cidades do País.

VALORIZAÇÃO DA PLURALIDADE

A Jamef busca contribuir com a sociedade olhando primeiro para dentro. A empresa valoriza a pluralidade dos perfis, entendendo que a sociedade é rica em diversidade e neurodiversidade. Com isso, atua para promover e dar mais visibilidade a diversas causas sociais.

Com essas ações, a Jamef Transportes não apenas reafirma os seus atributos de tradição, segurança, agilidade e parceria, mas também a sua responsabilidade social, evidenciando que é possível conectar clientes e transformar vidas ao mesmo tempo. Certamente, essa é uma parceria que faz a diferença e merece receber ampla visibilidade em diversos meios de comunicação. 🌈





PARECER 50: OS CONSENSOS POSSÍVEIS E IMPOSSÍVEIS

Membros do CNE aparam arestas do documento, mas proposta ainda encontra divergências profundas

Em jan.2024, o Conselho Nacional de Educação (CNE) apresentou, no evento Diálogos pela Inclusão, em Brasília (DF), o parecer 50/2023, também conhecido pelo título: Nortear. O documento traz diretrizes que envolvem o processo de educação de estudantes autistas e teve participação de educadores externos e internos à comunidade do autismo.

Não demorou para que o documento ganhasse tração na comunidade do autismo, seja pelas falas favoráveis de divulgadores como Lucelmo Lacerda e Flávia Marçal (que também trabalharam ativamente no documento), seja por discursos contrários, de grupos ligados à educação e também de alguns ativistas autistas. O tema se tornou pauta em jornais de grande circulação, como Folha, Estadão e O Globo — e a hashtag #homologacamilo passou a ser utilizada em massa por internautas para pressionar o ministro Camilo Santana (PT-CE) pela homologação do parecer. Entre essas movimentações, estavam as divisões dentro da comunidade do autismo em torno da validade e importância do documento.

ARTICULAÇÕES E DIVULGAÇÃO PÚBLICA

Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará (UFPA), a advogada Flávia Marçal disse, em entrevista à Revista Autismo, que o documento está sendo revisado pela instituição. O retorno do parecer é uma articulação entre o presidente do CNE, Luiz Roberto Liza Curi, e o ministro Camilo Santana e tem o objetivo de ampliar diálogos frente ao debate acalorado nas redes entre ativistas, educadores e políticos.



curso em vídeo

Aprenda
informática
com cursos
grátis feitos
por especialistas

Criação de sites,
Programação,
Word, Excel e
muito mais.



curso em vídeo

cursoemvideo.com

Nos últimos meses, diferentes pessoas públicas internas e externas à comunidade do autismo têm se manifestado publicamente. Uma delas é o professor e divulgador científico Lucelmo Lacerda, que deu entrevistas, fez palestras e falou sobre o tema até em programas como o Flow Podcast. Em uma entrevista dada à Folha de S.Paulo, ele se contrapôs a Maria Teresa Eglér Mantoan, pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) historicamente ligada a debates relacionados à educação e inclusão. Mantoan é alvo de críticas de Lucelmo há anos e no livro *Crítica à pseudociência na educação especial*, lançado em 2023, afirmou que a perspectiva teórica da pesquisadora não é científica e poderia ser conceituada de “inclusão total” ao invés de “educação inclusiva”.

A inclusão total, segundo Lucelmo e outros ativistas da educação, seria uma corrente teórica sobre a inclusão que se posiciona contra qualquer tipo de adaptação educacional para o público com deficiência. Na coluna *Vidas Atípicas*, da jornalista Johanna Nublat publicada pela Folha, Mantoan defendeu que “Não há condições de se adaptar nada para ninguém. Se precisa de uma professora que fique do lado do aluno ou outro tipo de profissional, não é mais inclusão. Inclusão não é colocar o menino na sala de aula, mas mudar o modo de se trabalhar com a turma toda, de forma que cada um possa mostrar que capacidades tem de desenvolver aquele assunto”.

Deputada estadual por São Paulo e jornalista, Andréa Werner (PSB-SP) esteve bastante envolvida em falas favoráveis ao parecer, e trouxe outros políticos de seu partido para o debate, como a deputada federal Tábata Amaral (PSB-SP) e o senador Cid Gomes (PSB-CE). Nas redes, Werner não poupou críticas a grupos contrários e disse, em um vídeo, que “a campanha contra o parecer está muito desonesta”. Segundo ela, uma associação de autismo

que se posiciona contra o Nortear estaria bloqueando comentários de pessoas contrárias no Instagram.

O presidente da Associação Nacional para Inclusão das Pessoas Autistas (Ania), Guilherme de Almeida, por sua vez, se disse atacado nas redes por pessoas favoráveis ao parecer. Em entrevista ao podcast *Espectros*, afirmou que membros de sua associação teriam sofrido críticas de Andréa. “A deputada fez uma conversa individual, printou e colocou nas redes sociais dela, falando que dois jovens autistas estavam mentindo, estavam enganando a população, por não concordarem com o que ela acredita, ou com o que o segmento de mercado que apoia ela acredita”, contou.

Parte desses conflitos institucionais estão dispostos nas falas de ativistas com o argumento de que 182 entidades da comunidade do autismo estiveram a favor do parecer e apenas duas se posicionaram contra, referindo-se à Ania e à Associação Brasileira para Ação por Direitos das Pessoas Autistas (Abraça). As organizações argumentaram que o Nortear descaracteriza os processos pedagógicos, incentiva questões mercadológicas na educação e não teria participação democrática.

MODELO MÉDICO X MODELO SOCIAL

Marçal disse que a etapa atual de revisão do CNE ao parecer tem três principais pontos para ajuste. O primeiro é atuar sob a crítica, feita por alguns ativistas, de que o documento é baseado no modelo médico da deficiência. Flávia discorda dessa

perspectiva. “Existem pessoas que estão dizendo que o parecer defende que o estudante só tem acesso ao direito à educação com laudo médico. É exatamente o contrário. O laudo não deve ser exigido para começar as atividades educacionais”, argumentou.

Nesse sentido, a advogada argumentou que o Nortear cita as legislações e marcos da deficiência, incluindo a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que foi ratificado no Brasil em 2009. Apesar de considerar que o documento não se baseia em uma perspectiva médica sobre a deficiência, Flávia concorda que o texto Nortear deve evidenciar melhor o modelo social da deficiência e que isso é um consenso entre todos os pesquisadores envolvidos no trabalho.

O debate sobre modelo médico e modelo social da deficiência remete, historicamente, aos estudos da deficiência britânicos que se iniciaram na década de 1960 e emergiram nas universidades, especialmente a partir dos anos 1970. A crítica produzida pelos primeiros ativistas era de que as pessoas não eram limitadas por suas próprias deficiências, mas sim pelas barreiras sociais que enfrentavam. O modelo médico, então, traria a ideia de ajustar indivíduos para que se adequassem à sociedade.

O modelo social, nas décadas seguintes, passou por debates entre vários ativistas, incluindo mulheres com deficiência e cuidadoras de pessoas com deficiência, com a influência da teoria feminista. Elas concordavam que os primeiros teóricos fizeram avanços no debate da deficiência. Ao mesmo tempo, postulavam que, mesmo se todas as barreiras da sociedade fossem eliminadas, a deficiência ainda continuaria a existir. Esses debates, mais tarde, influenciaram a noção de deficiência na Convenção da ONU, que considera a deficiência

um conceito em evolução que resulta da interação entre pessoas com deficiência e as barreiras devidas às atitudes e ao ambiente.

PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUALIZADO

Outro ponto que está em foco no CNE em relação ao parecer é o papel e a importância do Plano Educacional Individualizado (PEI). A versão anterior do documento apresentava o PEI como “um documento que descreve todas as estratégias e recursos mobilizados pela unidade de ensino, para promover a equidade de aprendizagem para com as pessoas com o transtorno do espectro autista”, e que seria um instrumento para efetivar as adaptações razoáveis para pessoas com deficiência previstas na Convenção.

Flávia disse, em entrevista, que existem entidades favoráveis ao Nortear no comitê do Ministério da Educação (MEC), mas também há entidades que são contra ao PEI e à individualização da educação de autistas. “A oitiva é justamente para poder encontrar um caminho”, disse ela, em relação às divergências.

Embora alguns países utilizem termos

diferentes para o documento, o PEI é utilizado em nações como os Estados Unidos, China, Reino Unido, Canadá, Arábia Saudita, Turquia e Sérvia. Lucelmo Lacerda, em entrevista ao Flow, já tinha argumentado que o PEI era um ponto controverso entre as vozes contrárias. “O PEI é obrigatório nos Estados Unidos desde 1973. [São] 50 anos de atraso”, afirmou.

PRÁTICAS BASEADAS EM EVIDÊNCIAS E ABA

Ativistas contrários ao parecer argumentaram que a base teórica adotada pelos pesquisadores na construção do Nortear é, de forma geral, da psicologia comportamental. Nesse sentido, Marçal admite a influência. Mas, ao mesmo tempo, nega que o debate relacionado às práticas baseadas em evidências, tema presente no documento, seja exclusivo da análise do comportamento aplicada (ABA).

“Nós trouxemos para o texto metodologias que são significativas, que são evidências, como a comunicação aumentativa e alternativa, dicas visuais, intervenção mediada por pares. Muitas delas têm uma base na análise do comportamento, embora o parecer não seja voltado para a análise do comportamento. Quando nós defendemos práticas baseadas em evidência, [elas] estão se modificando. O parecer já resguarda isso. A ciência é o fator norte para como deve ser a atuação do professor, inclusive para a formação de professores”, disse.

Ao mesmo tempo, a advogada enxerga que esse é o ponto mais difícil de encontrar consensos dentro e fora da comunidade do autismo, já que isso faz parte de um cenário mais amplo de resistência à análise

do comportamento por parte de autistas ativistas em diferentes países. “É um tema em disputa, e por ser um tema em disputa, um tema muito acalorado, nós entendemos que será necessária essa revisão”, concluiu.

É POSSÍVEL ALCANÇAR UM CONSENSO?

Em entrevista, a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão (Secadi), do MEC, afirmou que a iniciativa de ajustes no parecer partiu do próprio CNE. Em março, um grupo de trabalho composto por entidades ligadas à educação, ao autismo e outras deficiências, encaminhou ao gabinete do ministro e para o CNE um documento com considerações relativas ao Nortear.

Questionada sobre os conflitos ocorridos na comunidade do autismo em relação ao documento, a Secretaria defendeu que os diferentes pontos de vista devem ser observados em relação à discussão. “As redes de ensino querem ser escutadas por meio de UNDIME e CONSED, bem como outros atores da comunidade escolar e as próprias organizações representativas de pessoas autistas. A expectativa é que consigamos um texto que avance para refletir as necessidades dos estudantes autistas, a partir dos princípios e diretrizes da educação inclusiva, o que não estava bem claro no texto original do parecer”, afirmaram.

Tanto a Secadi quanto Flávia Marçal afirmaram que o CNE está promovendo reuniões para dialogar sobre o documento. “Acho que hoje em dia todo mundo está muito atento ao que está acontecendo no campo do autismo, seja na área da saúde, seja na área da educação, mas nós precisamos realmente tentar buscar o consenso. Eu acho que foi uma saída extremamente



acertada, tanto do ministro quanto do presidente [Curi], porque o impasse não interessa a ninguém”, disse a advogada.

Ao mesmo tempo, Flávia declarou que deseja que o parecer também seja útil para impedir retrocessos na inclusão de autistas. Ela se disse preocupada com uma nota da Confederação Nacional das Escolas Particulares, que se declarou contra o Nortear por partirem do pressuposto que o documento deveria defender a restrição de matrículas de autistas em escolas públicas e particulares.

“Esse debate começou a se encaminhar para posições que não podem ser defendidas, estão contrárias à legislação. Então, por isso que o retorno do processo foi tão importante para que a gente realinhe, busque exatamente quais são os pontos que a gente consegue avançar e quais são os pontos que nesse momento talvez a gente não tenha condições políticas, ideológicas e até mesmo estruturais de conseguir caminhar”, acrescentou. 🧡



Instagram [@otiagoabreu_](https://www.instagram.com/otiagoabreu_)

Tiago Abreu

Jornalista, mestre e doutorando em comunicação e autor do livro “O que é neurodiversidade?”.

Na Somar Clínica de Autismo, oferecemos uma abordagem integrativa e personalizada para o tratamento e desenvolvimento das nossas crianças e jovens.

A localização na sede do **Sport Club do Recife** não apenas facilita o acesso das famílias, mas também integra a comunidade esportiva com a missão de inclusão.

A colaboração com a instituição esportiva reforça nosso compromisso em criar um impacto positivo e duradouro.

Cada intervenção é planejada com o objetivo de fomentar o desenvolvimento integral e a autonomia **na vida das nossas crianças e jovens, junto com suas famílias.**

Unidade PIEDADE (81) 3465-3913	Unidade OLINDA (81) 4100-1166	Unidade BOA VIAGEM (81) 3465-3913
Unidade TORRE (81) 3441-5656 ou (81) 3039-5656	UNIDADE SPORT Avenida Sport Club do Recife @autismosomar	

EXPOTEA LEVOU MAIS DE 10 MIL PESSOAS A EVENTO DE AUTISMO EM SP

por Francisco Paiva Junior

Fotos de Divulgação



Com a proposta de ser a maior feira dedicada exclusivamente ao transtorno do espectro do autismo (TEA) do Brasil, a ExpoTEA teve um público total que superou as 10 mil pessoas durante os dias 7, 8 e 9.jun.2024, no Expo Center Norte, em São Paulo (SP).

Incluindo palestras, painéis de discussão e *workshops* que exploraram os diversos aspectos do autismo, o evento apresentou uma programação extensa e muito diversificada. Os temas abordados variaram desde a compreensão das múltiplas formas do transtorno até a discussão de estratégias para a inclusão e apoio a indivíduos autistas. Além disso, foram oferecidos cursos direcionados a familiares e profissionais, como cuidadores, além de interessados em se especializar em TEA.

REPRES- TATIVIDADE E INCLUSÃO

“A ExpoTEA é um evento que tem a função de oferecer representatividade e inclusão para pessoas com TEA através do conhecimento. Queremos e

vamos reunir em um só lugar essas oportunidades de conhecimento, de troca de experiências com pais e autistas, com estudiosos e também com empresas e instituições comprometidas com a causa para vermos e sermos vistos, porque a inclusão passa por conhecimento e acesso”, observou a coordenadora do evento, Bruna Ituassu, médica e mãe de uma menina autista.

A ExpoTEA foi composta por duas partes principais: o congresso, destinado a profissionais da área, e a “Exposhow”, uma seção da feira aberta ao público, onde foram realizadas palestras gratuitas para todos os interessados. Os temas abordados nas palestras incluíram diagnóstico tardio, autismo em mulheres, questões sensoriais, adolescência, direitos das pessoas com deficiência e comunicação alternativa, entre outros. Congresso e Exposhow tiveram diferentes preços de ingressos para participação.

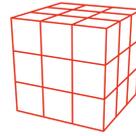
EXPOTEA 2025

Em 2025, com o slogan “Estamos construindo pontes de entendimento e inclusão”, a ExpoTEA realizará sua segunda edição nos dias 6, 7 e 8.jun.2025, novamente no Expo Center Norte, em São Paulo (SP), e as inscrições já estão abertas. O evento reunirá pesquisadores, profissionais da área médica e terapêutica, pais, professores, familiares de autistas e principalmente pessoas autistas. Segundo a organização, são aguardadas 250 empresas e cerca de 10 mil pessoas por dia, circulando pelos corredores da feira.

Tanto visitantes, quanto expositores já podem se inscrever para o evento do próximo ano. Organizações Não-Governamentais (ONGs) e famílias que produzem serviços e apoios para a causa também podem se inscrever para a Vila Social, onde serão oferecidas condições especiais para os estandes.



Coluna TUDO O QUE PODEMOS SER



Inside Out

Recentemente, tive o prazer enorme de ir ao cinema com uma amiga para assistir ao filme *Divertida Mente 2*. E o que dizer sobre essa obra prima? Bem, muitas pessoas que me conhecem não sabem, mas eu simplesmente sou um dos maiores fãs da Pixar, desde criança. Os motivos são bem notórios, pois desde criança, meus pais incentivaram minhas falas através de diversas artes do entretenimento. E com os filmes da Disney/Pixar, obviamente, não poderia ser diferente.

Outro motivo de eu amar esse estúdio é simplesmente pelo fato de eles não subestimarem as crianças e tocarem sempre em assuntos muito profundos e importantes para nossas vidas, com aquela clássica pergunta: “E se eles...tivessem sentimentos?”. Como é o caso de: *Brinquedos (Toy Story)*, *Insetos (Vida de Inseto)*, *Monstros (Monstros S.A)*, *Peixes (Procurando Nemo)*, *Carros (Carros)*, *Ratos (Ratatouille)* e assim sucessivamente. No caso da obra *Divertida Mente*, a gente se pergunta: “E se os sentimentos tivessem sentimentos?”. E realmente é uma pergunta que não falha, pois ambos os filmes retratam as emoções de uma maneira genial, ao ponto de se tornarem exemplos e referências no mundo da psicologia.

No caso atual, a principal discussão está relacionada à ansiedade, que às vezes é um sentimento que domina muitas pessoas (inclusive a mim). E eu acho que esse assunto é relevante para muitas pessoas, pois é de extrema importância a gente não ter a ansiedade





dominando as nossas emoções. Uma das coisas que eu mais gosto de fazer na minha vida é planejar futuros, porém, de uma forma bastante delicada. Particularmente, acho que é essencial para todas as pessoas fazerem planejamentos para o seu futuro, no entanto, de uma maneira que não te deixe inseguro(a) e que não te faça pensar apenas no lado negativo.

É isso que essa obra nos mostra. Eu aprendi (e continuo aprendendo mais) como controlar a minha ansiedade na minha vida particular. Graças ao apoio dos meus pais e amigos com quem posso contar, eu me sinto cada vez mais tranquilo e motivado. E você que está lendo este texto? Assistiu a esse filme? Gosta da Pixar? Também sofre de ansiedade? Caso a gente se esbarre, vamos conversar mais sobre isso.

Nícolas Brito Sales

 @nicolasbritosalesoficial
 tudooqueeupossoser@gmail.com

tem 25 anos, é fotógrafo, palestrante e escritor. Desde 2011, juntamente com sua mãe, Nicolas percorre vários lugares para dar palestras sobre como é ser autista e estar inserido na sociedade. Em janeiro de 2016, Nicolas deu início, como freelancer, a seus trabalhos de fotógrafo,

profissão que ele pretende seguir. Em 2014, foi coautor do livro “TEA e inclusão escolar – um sonho mais que possível”. Em 2017, Nicolas lançou seu próprio livro, “Tudo o que eu posso ser”, no qual conta suas experiências, o que pensa e como vive em sociedade.





EXPO- TEA 2025

2ª Edição

ExpoTEA 2024 reuniu mais de 10 mil pessoas em evento incrível de conscientização e inclusão.

Durante os dias do evento, os participantes tiveram a oportunidade de conhecer novas abordagens terapêuticas, produtos inovadores, e assistir a palestras de especialistas renomados que trouxeram à tona as mais recentes pesquisas e práticas no campo do autismo.



A ExpoTea 2024 foi um verdadeiro sucesso, reunindo mais de 10 mil pessoas em um evento dedicado à conscientização e inclusão no universo do Autismo.

O Expo Center Norte se tornou o ponto de encontro de famílias, profissionais e organizações que compartilham a missão de promover uma sociedade mais inclusiva e informada.



Este ano, a ExpoTea superou todas as expectativas, não apenas pelo número expressivo de visitantes, mas também pelo impacto positivo que o evento deixou na comunidade.

A troca de experiências, o apoio mútuo e o aprendizado conjunto marcaram esta edição como uma das mais memoráveis.

EXPO CENTER NORTE

SUA *Marca*
PODE ESTAR
NA 2ª Edição da
ExpoTEA

DIAS 06·07·08 | JUNHO | 2025

[▶](#) [in](#) [f](#) [@](#) · expoteabrasil

Junte-se A nós!

Uma **imersão** em conhecimentos,
experiência e inclusão

CARTA

'Quero te contar como é ser autista no mercado de trabalho'

Meu nome é Roseli Claro, tenho 53 anos e sou autista.

Eu quero falar sobre como é ser um autista adulto nos dias de hoje no que se refere ao mercado de trabalho.

Meu primeiro emprego foi aos 14 anos, eu etiquetava roupas numa loja do Shopping Morumbi. Depois, entreguei panfletos no Largo 13 de Maio por 2 anos, trabalhei na feira, em lojas e escritórios. Durante minha vida inteira busquei o meu lugar; a minha necessidade de pertencimento sempre foi muito grande.

Só tive a primeira vaga com adaptações para uma pessoa autista em 2018, eu já tinha 48 anos e, naquela época, estava desistindo de mim mesma...

A minha experiência nos empregos anteriores foi muito triste e dolorosa, a exclusão gritava nos meus ouvidos e eu só podia chorar por dentro. Além de autista, venho de uma família humilde, ou seja, eu precisava trabalhar. Além da exclusão e do *bullying*, temos que lidar com o capacitismo e o preconceito.

Texto por Roseli Claro

Ilustração por tio.faso



O preconceito eu conheci ainda criança, quando no pré primário eu perdia os recreios por não cumprir minhas tarefas. Lembro que as crianças faziam uma fila com a cartilha nas mãos, eu as imitava, mas minha cartilha não estava na página certa e, assim, a tarefa não era realizada. Nunca recebi estrelinhas e observava as crianças brincando de longe. Eu não podia participar, estava de castigo.

O capacitismo também chegou forte batendo na minha porta. Não entendo porque em algumas situações sou tratada como criança. Não sou criança. Muitas vezes no trabalho fui tratada com total indiferença. Eu sempre me perguntava: “por que todos na sala foram convidados e apenas eu não? Viram todos, só não viram a mim?”. No decorrer de meus 53 anos, não fui vista inúmeras vezes... Isso foi doloroso, mas a pior parte foi quando acreditei neles e passei a não me ver também.

Precisei aprender a agir naturalmente quando as pessoas falam de mim, na minha frente, como se eu não tivesse condições de compreender o que está sendo falado. Precisei aprender a agir naturalmente quando as pessoas duvidam de minhas capacidades. Noto que preferem me desmerecer em vez de me ajudar, pois me ajudar requer tempo e paciência.

Hoje, trabalho numa clínica para autistas chamada Grupo Método e tenho bastante suporte. Eu necessito que organizem as minhas atividades, sozinha ainda



**Roseli
Claro**

53 anos, autista nível 2 de suporte, completando 6 anos de trabalho no Grupo Método.

@roseli.claro.tea
@diariodeumamulhercomtea
@gmetodo

não consigo. Não me sinto mais uma criminosa por ter estereótipias, antes eu era muito recriminada por isso.

Só pude ter oportunidades de trabalho adaptado depois que conheci Meca Andrade, uma analista do comportamento que me olhou e viu em mim uma pessoa capaz. Ela não sabe disso, mas naquele dia ela mudou toda a trajetória da minha vida. Com muita sensibilidade, ela viu que, antes do autismo, existia a Roseli. Mas, quantas Meca Andrade precisamos ter para que todos os autistas possam ter uma oportunidade no mercado de trabalho? Sei que existem autistas com muito mais comprometimento do que eu, mas não menos capazes. Nossas necessidades de suporte são diferentes. Conheci uma autista arquiteta e achei sensacional. Conheço autistas que estão aprendendo a picotar papel e também acho isso sensacional. Vejo, na Clínica em que trabalho, como os autistas nível 2 e 3 de suporte vibram quando estão trabalhando. Lá, nós temos um café adaptado



para eles, uns conseguem atender os clientes, uns conseguem colocar os produtos nas prateleiras, alguns carimbam papéis, mas todos têm uma função.

Vejo como eles ficam felizes de estarem sendo úteis. Por isso, acho que cada um é perfeito dentro das suas habilidades. Eu atendo o telefone, atendo as famílias que buscam informações, marco consultas e triagens, acompanho visitas e acho isso maravilhoso. Hoje, posso dizer que tenho orgulho de mim.

Quando entrei no Grupo Método eu só arquivava pastas. Com o tempo me desenvolvi bastante. Como toda pessoa autista, preciso de tempo, de paciência, preciso que compreendam que se eu perguntar a mesma coisa não é porque estou testando a sua paciência, eu realmente não entendi o que você me pediu. Me responda com carinho. Se está difícil para você, imagine para mim!

É preciso saber se vocês estão realmente dispostos a ter autistas trabalhando ao seu lado. As pessoas quando pensam em inclusão já pensam em rampas, ou em braile. Que bom que estão pensando nessa população, mas nós precisamos de outros tipos de adaptações que envolvem um direcionamento mediado por vocês. Nós precisamos de recursos visuais e tecnológicos. Nós precisamos do seu precioso tempo, da sua boa vontade.

Vocês têm todas as oportunidades que a vida pode oferecer. Nós só temos vocês. Olhem para nós e nos aceitem, acreditem no nosso potencial.

Obrigada. 🍷





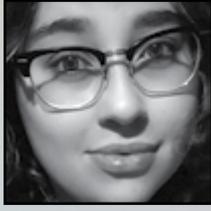
coluna

LIGA DOS AUTISTAS

As muitas faces de uma neurodivergente na pesquisa acadêmica

Camila Alli Chair





Priscila Jaeger Lucas

 @liga.dos.autistas

tem 29 anos e mora numa pequena cidade na região metropolitana de Porto-Alegre, Rio Grande do Sul. A criança

que observava padrões de interação cresceu para virar antropóloga e pesquisadora bolsista. Junto da família, de seus

três cachorros e duas gatas, os dias se tornam menos difíceis de se enfrentar.

Não fiz um grande planejamento quando decidi me inscrever no mestrado. Na realidade, não fiz nenhum planejamento e não tenho vergonha de dizer que foi uma decisão impulsiva. Sempre fui fascinada por aprender todo e qualquer assunto. Após saber do meu diagnóstico e também das comorbidades, minhas tentativas de pesquisa se tornaram um ciclo de frustração que nunca acabava. Os artigos científicos que encontrava podem ser classificados em algumas áreas: revisões bibliográficas das primeiras teorias sobre o autismo (entreei no mérito do motivo disso ser um problema); pesquisas no campo da educação infantil genéricas em termos de delimitação, metodologia e resultados; e pesquisas que descrevo como um amontoado de absurdos que só acertaram no título e nas referências bibliográficas.

Onde estão as pesquisas com adultos autistas? Onde estão as pesquisas interseccionais? Uma busca de horas resultava em resultados escassos, com temáticas e delimitações amplamente genéricas que não condiziam com a realidade da maioria dos neurodivergentes, principalmente os diagnosticados tardiamente. Quando encontrei uma comunidade de autistas que compartilhava experiências e percepções, percebi

que essa era uma constatação comum na rotina dos diagnosticados tardiamente. Existe um alívio em receber o diagnóstico e, ao mesmo tempo, uma ruptura de identidade. A busca por respostas é um movimento natural. Afinal, existe uma explicação para sermos diferentes, mas, e agora? Quem sou eu? A vida inteira pensei que falhava em ser como as outras pessoas, mas era considerada como uma delas. Mas, não sou. Na verdade, quem sou eu? Como o autismo influenciou minha vida até o diagnóstico? Afinal, o que é o autismo? O momento de alívio é também o início de incertezas, um processo doloroso que passa por muitas pesquisas tentando compreender essa forma diferente de ser. Foi nesse momento que percebi o quanto a academia é atrasada em termos de delimitação de temática, restrita a um contexto genérico e não vê as infinitas possibilidades de estudos que são necessários para que autistas encontrem informações básicas que os auxiliem nesse processo.

Costumo dizer que ter um transtorno de humor como comorbidade às vezes é um benefício. Ao longo do período de pesquisa, uma inquietação tomou conta de mim. Em meio a uma crise, após uma noite mal dormida, decidi que iria fazer um mestrado. Não sabia qual, mas ia fazer e pesquisar sobre mulheres autistas. Uma decisão completamente impulsiva que valeu a pena. Naquele



momento, a única coisa que pensava era que eu precisava fazer alguma coisa, fazer minha parte para que esse cenário mudasse. Sempre falo que não tenho a ambição de ser quem vai resolver o problema, mas quero ser a pessoa que contribuiu de alguma forma.

Entrei no cenário da pesquisa acadêmica totalmente despreparada. Sempre gostei de estudar e aprender, mas a dinâmica do ambiente e dos participantes é diferente do ambiente educacional que eu estava acostumada. Entrei nesse ambiente frustrada e revoltada, analisando o entorno a partir de uma concepção rígida do que deveria ser feito, sem considerar os diferentes aspectos que caracterizam o ambiente acadêmico e como é essa dinâmica em relação à sociedade. A escolha do mestrado em Ciências Sociais proporcionou o aprendizado das nuances que envolvem todo esse processo. Aprendi a ver o contexto além da frustração e entendi que uma mudança irá ocorrer quando existir um processo coordenado de pesquisadores escolhendo temas importantes para o cotidiano da comunidade autista.

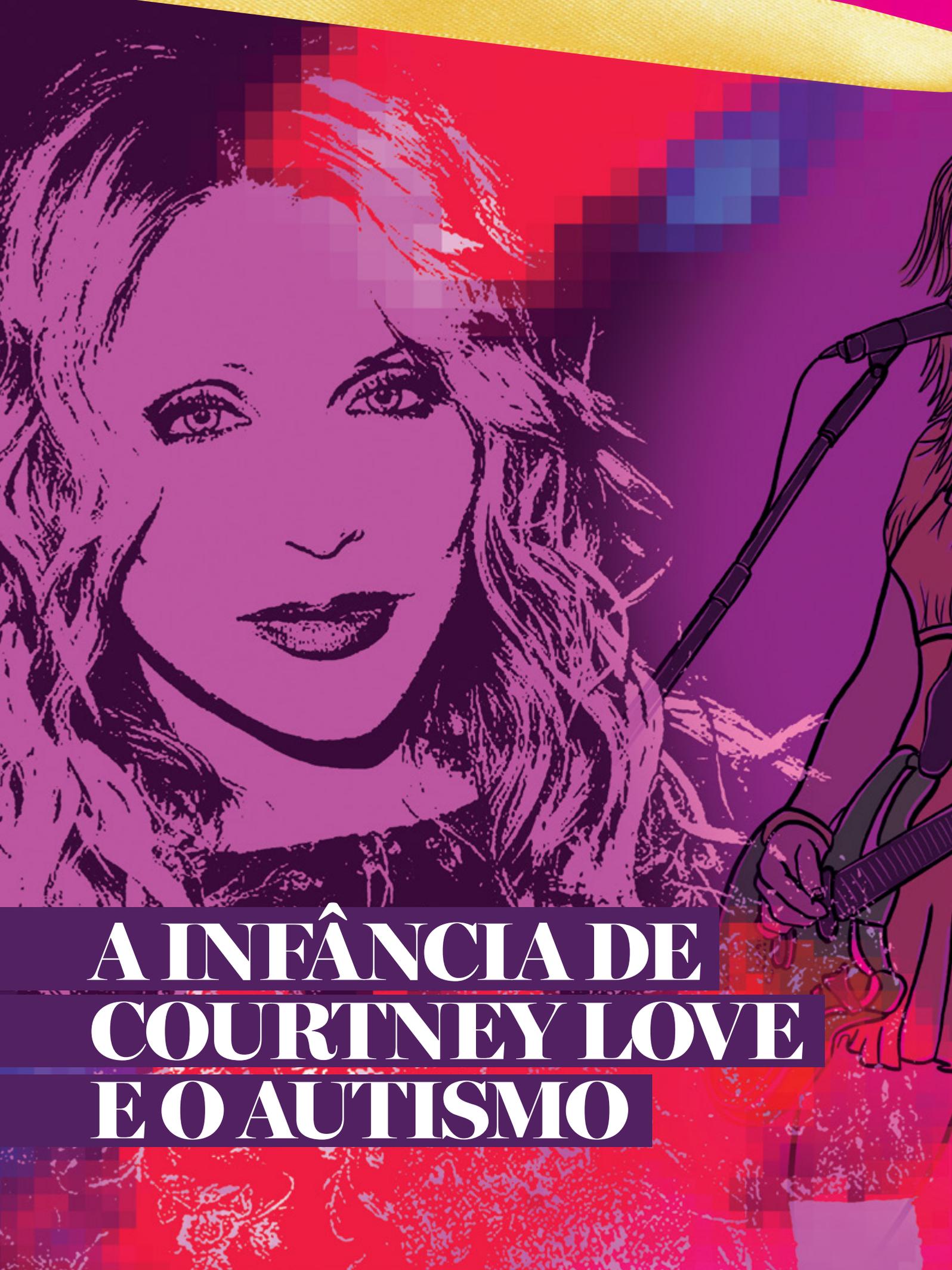
Para mim, a palavra pesquisador sempre foi algo distante, algo reservado aos gênios da sociedade e, com certeza, não me considero um deles, então foi difícil usar essa nomenclatura para definir minha carreira. Mas, o espaço que ocupei e as possibilidades de pesquisa pedem que eu assuma esse papel. Logo que entrei no mestrado, tinha um tom incisivo que facilmente seria interpretado como agressivo, porque não conseguia separar os papéis. Me sentia um emaranhado de características que misturava a Priscila pesquisadora, a Priscila ativista e a Priscila autista. Não conseguir separar essas áreas dificultou minha convivência nesse espaço.

Minha socialização é péssima, porém

sou uma observadora nata. Essa habilidade que antes era usada para o *masking*, agora uso para entender o ambiente e as estruturas de socialização. Percebi que, se eu quiser contribuir realmente, chegar a algum lugar com minha pesquisa, eu terei que mudar minha abordagem. Minha frustração geralmente impede que eu veja formas de navegar pelo ambiente e o que posso fazer nesse contexto para que futuramente outros pesquisadores percebam a lacuna gigantesca quanto a temas e delimitação temática de pesquisa. Ainda tenho dificuldade de separar essas três partes e, obviamente, elas ainda interagem, mas agora trabalham em conjunto para conseguir pesquisar e transformar esse material em algo positivo para a comunidade.

A Priscila autista foi quem percebeu as lacunas; a Priscila ativista foi quem, em um momento de frustração, realizou a inscrição no mestrado; e a Priscila pesquisadora surgiu daí, aprendendo com os erros e se adaptando à necessidade. E essa necessidade não tem a ver com *masking*. Socialização tem a ver com os caminhos que preciso tomar para contribuir com a comunidade sem ultrapassar meus limites, algo que ainda estou aprendendo. De toda essa experiência, aprendi que ter essa consciência da separação dos três papéis, de eles ainda interagirem buscando um equilíbrio, foi e ainda é essencial para minha pesquisa. A frustração que antes dominava minhas percepções impede o ato da pesquisa, impedindo o alcance de resultados maiores. Precisei aprender a conviver com esse sentimento sem que ele atrapalhe meu propósito: a contribuição para a comunidade. Algo em mim precisou dar um passo atrás, respirar profundamente e decidir que minha existência no espaço acadêmico vai além de mim e precisa ser estratégica.





**A INFÂNCIA DE
COURTNEY LOVE
E O AUTISMO**



por **Sophia Mendonça**

Ilustração **Fernanda Barbi Brock**

Neste primeiro capítulo da série de reportagens sobre a mulher autista e lenda do rock Courtney Love, conheça detalhes sobre a infância e o diagnóstico da vocalista do grupo Hole, e viúva de Kurt Cobain, indicada a três prêmios Grammy.

Nascida em 9.jul.1964, Courtney Love se afastou do pai, Hank Harrison, um ex-editor do Grateful Dead que, mais tarde, se tornou escritor de livros sobre a filha. Em 1970, Linda, mãe de Courtney, e outras ex-companheiras de Hank o acusaram de dar ácido à filha pequena, além de ameaçar fugir com ela para outro país. Hank perdeu a guarda da menina em audiências, mas negou as acusações. Assim, Courtney passou a infância em comunidades hippies dos Estados Unidos, junto à mãe. Nessa época, observou que a sua principal companhia foram os livros, o que configurou como primeiro hiperfoco Não à toa, autores como William Shakespeare, Charles Baudelaire e T.S. Eliot foram citados futuramente como inspirações para as letras compostas por ela.

Foi nessa época que Linda se casou com Frank Rodriguez, o padrasto que manteve uma relação muito saudável e profunda com a enteada, chegando a acompanhar a trajetória de Courtney no futuro e a demonstrar orgulho por ela. Além disso, ele adotou legalmente Courtney e, mesmo quando veio o divórcio com Linda, manteve a guarda da menina. No entanto, não foi viável manter a guarda da criança devido às crises de agressividade que ocorriam quando ela interagía com as outras filhas de Frank e sua nova esposa.

A MÃE

De acordo com a mãe, Linda Carroll, Courtney tinha a expressão facial de um guerreiro aos dois anos de idade, recebeu prescrição de sedativos para insônia quando era criança, inventou histórias sobre ser perseguida no jardim de infância e, aos oito anos de idade, ficou desesperada com pensamentos sobre a morte. “Courtney veio ao mundo com um temperamento muito desafiador desde o início”, diz Carroll. “Mas meu estilo de vida caótico contribuiu para isso”, reflete a mãe. Ainda assim, Linda jura que fez o possível para cuidar da filha e credita o tormento interno de Courtney à biologia. Quando jovem, Courtney parecia fora de controle, atormentada por ataques de gritos, medos estranhos, pesadelos bizarros e uma solidão extenuante.

A escola era um pesadelo, exceto pelo dia em que Courtney disse alegremente que encontrou sua primeira amiga na primeira série, uma garotinha sueca.

“Foi um momento culminante”, diz Linda. “Todos os dias ela descrevia a comida e as roupas de Ingrid, com uma capacidade descritiva incrível.” Mas, abruptamente, Ingrid, a amiga, se voltou contra Courtney, tornando-se má. “Eu disse: ‘Você quer que eu vá falar com a professora, querida?’ E ela disse: ‘Sim, por favor, mamãe, fale com a professora; descubra por que a sueca me odeia’. A professora disse: ‘Sinto muito dizer isso, mas não existe nenhuma garota sueca. Eles fizeram uma breve aula sobre a Suécia’”, explica Linda.

“A parte dessa história que é tão extraordinária para mim é que Courtney ficou muito feliz por eu ir”, diz Linda. “Se ela soubesse que estava mentindo,

diria: ‘Ah, não, mamãe, não fale com a professora’. Mas era como se ela acreditasse na história”, complementa Linda. Hank, que não tem contato com Linda ou Courtney, diz sobre sua filha: “Ela vivia em um mundo de fantasia”.

Courtney Love era considerada uma criança irritadiça e extremamente introvertida, além de apresentar atraso na fala, começando a se comunicar pela linguagem oral com quatro anos de idade. Mas, consciente da demora para a menina falar, a mãe já a levava a psiquiatras e psicólogos desde os três anos de idade. Segundo Linda Carroll, Love era uma criança rebelde, tão impossível de controlar que ela se sentiu forçada a desistir da filha.

NA ESCOLA

Tudo se complexificou quando Courtney entrou na escola. Isso porque ela apresentou dificuldades de aprendizagem e de socialização, justamente por ser muito tímida. Aos nove anos, então, veio o diagnóstico que nos termos da época pode ser definido como: “autismo clássico de alto funcionamento”. Essa conclusão médica avaliou tanto o atraso na fala quanto as dificuldades de socialização e comportamento da jovem, além de questões sensoriais, como a defensividade tátil que ela apresentava. Tal característica refere-se a respostas observáveis negativas ou aversivas a alguns tipos de experiência tátil que a maioria das pessoas não considera desagradável ou dolorosa. Além disso, de acordo com Hank, Courtney tinha “memória fotográfica e um QI de gênio”. Todo esse contexto pode ser



Use este QR-code para assistir ao vídeo feito para esta reportagem.



Sophia Mendonça

 [omundoautista.uai.com.br](https://www.instagram.com/omundoautista.uai.com.br)

é jornalista, doutoranda e uma das criadoras do canal Mundo Autista, no YouTube, tendo editado o livro “Neurodivergentes - Autismo na Contemporaneidade”.

observado em uma das primeiras composições famosas da autora, a música *Retard Girl*, sobre uma menina que é vista de maneira pejorativa pelos colegas de classe:

“Garota retardada que nos dá nojo. Retardada, cutuquem-na com um pedaço de pau. Ela anda de um modo engraçado. Meio parecido com um porco. Deus, eu odeio aquela garota retardada. Vejam a garota retardada andando no pátio. Com o mesmo vestido da quarta série. Procurando a amiga que ela fez. Não esquecem a cara dela. Como brilha a lua entre as menores chamas. Ela está chupando um pau no pátio. Todas as garotas retardadas andam engraçado. Ela não pensa como as outras. Vejam a garota retardada contorcendo-se na lama. Joguem ela na lata de lixo. Vejam o que ela faz. Eu perguntei à mãe dela: por que você precisa implodir? A cabeça dela é tão grande que poderia explodir. Batam nela! Vejam a garota retardada fitando o sol. O que ela vê? Vejam ela encarando todo mundo. Espero que ela não me veja. Não a joguem fora”.

Nessa composição, Courtney Love deixa claro de forma agressiva e sem romantizar o cotidiano de uma menina autista adolescente em um colégio. O sujeito lírico parece ser alguém que está criticando e debochando de uma jovem que parece ser a própria Courtney. Dessa forma, aparecem algumas das características que se evidenciam mais profundamente na adolescência de autistas. Um exemplo disso são as dificuldades sensorio-motoras ligadas ao sistema vestibular, que é responsável por conferir equilíbrio ao corpo, o que explicaria o modo peculiar como ela anda. Outro aspecto que a letra deixa perceptível é a preferência por usar a mesma roupa desde a quarta série. Afinal, essa rigidez comportamental relacionada ao vestuário é bastante comum entre autistas, principalmente os mais jovens, que não têm tantos limitadores externos ou profissionais para vestir sempre a mesma roupa. Além disso, *Retard Girl* retrata o *bullying* que ainda hoje, mesmo com legislação e conhecimento crítico a respeito do assunto, é uma experiência comum aos autistas. Essa agressão vem por meio dos comentários maldosos dos colegas sobre as diferenças da jovem. 🗣️



TRABALHO NO ESPECTRO

DICAS PARA UMA EMPRESA SER NEUROINCLUSIVA

Muitas empresas que têm buscado ser mais diversas, inclusivas e igualitárias, têm se questionado sobre como fazer para incluir, desenvolver e reter profissionais neurodivergentes nos seus quadros de colaboradores.

Recentemente, usei um artigo em que as professoras Moeller, Ott e Russo (1) descrevem as etapas necessárias para que uma empresa tenha projetos de inclusão desses profissionais, o que acho muito prático e didático. E concordo integralmente quanto às empresas que obtêm sucesso nesta jornada terem em comum a observância das seguintes etapas:

Atração. Para que uma empresa seja uma organização atraente a talentos neurodivergentes, ela necessita comunicar à sociedade sua cultura de respeito à neurodiversidade e mostrar que pessoas neurodivergentes são bem-vindas e desejadas. Estas informações podem ser expostas por meio de políticas corporativas de apoio à neurodiversidade, metas públicas de contratação de profissionais autistas, apoio a projetos de capacitação de profissionais neurodivergentes, investimento em acessibilidade, entre outras ações possíveis. Nesta etapa, a palavra-chave é comunicar de forma clara e objetiva seu compromisso com uma inclusão com qualidade.

A segunda etapa é o **recrutamento**, quando as equipes de recursos humanos (RH) devem ser capacitadas no tema neurodiversidade e as ferramentas de seleção serem adaptadas a pessoas típicas e atípicas. Adaptar os processos de recrutamento e seleção é vital para garantir





Marcelo Vitoriano

📷 @specialisterne_br
🌐 Specialisterne-Brasil
📘 SpecialisterneBrasil
🌐 specialisternebrasil.com

é psicólogo, especialista em terapia comportamental cognitiva em saúde mental, mestre em psicologia da saúde com experiência na gestão de programas de diversidade

e inclusão em empresas como Sodexo no Brasil. Há 4 anos faz parte do grupo de trabalho sobre Direitos Humanos nas empresas da rede brasileira do Pacto Global da ONU e é CEO da

Specialisterne no Brasil, organização social de origem dinamarquesa presente em 23 países, que atua na formação e inclusão de pessoas com autismo no mercado de trabalho.

a equidade nas oportunidades. Processos seletivos que valorizam a comunicação e a interação social podem eliminar pessoas talentosas que podem ter dificuldades nessas esferas.

A etapa seguinte é a **integração** ou **onboarding**, em que as organizações podem oferecer o apoio e as acomodações que atendam às necessidades de relacionamento interpessoal e de ambiente físico. O importante aqui é proporcionar acolhimento para as pessoas neurodivergentes. Realizar capacitações internas para as equipes que receberão um profissional neurodivergente pode fazer com que a pessoa se sinta mais segura, por saber que está em um ambiente que efetivamente proporcione segurança psicológica. A palavra-chave desta etapa é acolhimento.

A quarta etapa é a do **desenvolvimento**. As empresas devem focar em como receber adequadamente pessoas neurodivergentes. Cabe ressaltar que, para uma grande parte da sociedade, por uma questão dos vieses inconscientes, há uma falsa crença de que o diagnóstico de uma condição neurodivergente torna as pessoas incapazes. Os comportamentos decorrentes dessa crença podem boicotar o sucesso da inclusão de pessoas neurodivergentes e somente serão eliminados com muito treinamento e uma perspectiva anticapacitista.

Progressão e carreira. Nesta etapa, é importante apontar especialmente a necessidade de que os processos de avaliação de performance tenham equidade para com as pessoas neurodivergentes. Trago o exemplo de uma grande empresa que indicava preocupação no formato

de suas avaliações de performance, pois os itens comunicação e interação social eram extremamente relevantes para a promoção a novas oportunidades de carreira. Aqui a palavra-chave é flexibilização das ferramentas de avaliação para que as pessoas tenham possibilidade de construir uma carreira de sucesso.

A última etapa é a **retenção**. As pessoas somente permanecem nas empresas se as etapas anteriores forem observadas. Buscar seguir todas as etapas pode proporcionar colaboradores mais engajados e que poderão ficar por um bom tempo nas empresas.

Na Specialisterne, medimos o grau de retenção das empresas, considerando neuroinclusivas aquelas que têm um grau de retenção, depois de um ano de atuação, de mais de 90% de profissionais autistas ou com outras neurodivergências. De forma geral, acreditamos que, ao seguir estas etapas, será possível contribuir para a criação de uma cultura amigável às pessoas neurodivergentes.

1 Fonte: Russo, E. R., Ott, D., & Moeller, M. (s.d.). Sua empresa está pronta para receber os neurodivergentes? MIT Sloan Review Brasil, 2024. Recuperado de <https://www.mitsloanreview.com.br/post/sua-empresa-esta-pronta-para-receber-os-neurodivergentes>.



TEORIA DA DUPLA EMPATIA

Repensando a teoria de que temos mais empatia por quem é parecido com a gente

Dupla empatia é a expressão criada em 2012 pelo sociólogo Damian Milton, pai de autista e também autista, que deu título à teoria de que pessoas que têm identidades e estilos de comunicação muito diferentes umas das outras — o que geralmente é o caso de pessoas autistas e não autistas — podem achar mais difícil ter empatia umas com as outras

Essa dificuldade bidirecional é o que eles querem dizer com o problema da dupla empatia. Desde então, essa teoria tem sido largamente referida nas comunidades internacionais de autismo. Segundo seus adeptos, a teoria tem o potencial de explicar porque pessoas diferentes lutam para ter empatia umas com as outras, potencialmente levando a problemas pessoais e sociais, de saúde mental ruim a tensões entre grupos

e racismo sistêmico. No entanto, recentes pesquisas e análises sugerem que a teoria da dupla empatia tem muitas falhas, como o fato de ter-se concentrado estritamente nas dificuldades sociais do autismo sem considerar outros fatores de identidade social que afetam a empatia entre diferentes grupos, como o gênero, por exemplo.

Alguns dizem que a pesquisa que deu origem à teoria da dupla empatia baseou-se fortemente em relatos subjetivos das experiências das pessoas, sem considerar a avaliação por especialistas. O achado mais contundente para repensar essa teoria fala que ser semelhante em identidade a outras pessoas não significa, necessariamente, que o indivíduo tenha mais empatia por elas. Essa é uma questão importante, que precisa de bastante atenção, já que a teoria da dupla empatia está sendo colocada em prática há 10 anos

No Brasil, autistas blogueiros, que se autorrepresentam, vêm confirmando a teoria sem que haja (ainda) uma evidência científica para tal. Alguns pesquisadores e

médicos afirmam que, por haver um problema de dupla empatia, os profissionais de saúde geralmente são incapazes de entender seus pacientes com dificuldades sociais. Porém, não há evidências confiáveis para isso, o que pede por mais pesquisas no campo da neurociência da interação social. Esperamos que as tecnologias de imagem cerebral — a digitalização de vários cérebros humanos ao mesmo tempo — ajudem a esclarecer como os cérebros de diferentes pessoas interagem entre si. Essa é uma técnica que pode ser usada para testar como a semelhança entre as pessoas que interagem pode influenciar sua atividade cerebral.

Usado ao lado da inteligência artificial, esse processo inovador significaria uma grande conquista para o futuro. Podemos imaginar máquinas desenvolvendo empatia com os seres humanos, vendo se eles interpretam com precisão nossas ondas cerebrais — um imenso *breakthrough* neurocientífico que serviria como ferramenta na aquisição ou aprimoramento de habilidades sociais.



MAIS TOLERÂNCIA ONDE HÁ CONVIVÊNCIA

A maior parte das pessoas que vivem nas grandes cidades e, portanto, têm maior contato social com a diversidade, tende a ser mais tolerante com aqueles que são diferentes deles do que as pessoas que vivem em lugares socialmente homogêneos. Esses indivíduos estão mais propensos a se compreenderem, apesar de suas diferenças básicas — etnia e cultura, por exemplo —, percebendo a si mesmos e aos outros como pertencentes à mesma comunidade local, e parecem ser melhores em considerar a perspectiva dos outros.

Os últimos achados que desafiam a teoria da dupla empatia explicam que passar tempo com pessoas de outras origens sociais e culturais pode nos fazer colocar menos ênfase nas diferenças — e descobrir um terreno comum em outras áreas, ou seja, interagir com pessoas que são diferentes de nós talvez possa aumentar nossa empatia — algo que a teoria da dupla empatia não prevê.

Em última análise, a empatia não se deve apenas à nossa capacidade de entender alguém através de sua semelhança, contestando a base da teoria da dupla empatia. Em outras palavras, os pesquisadores acreditam que deveríamos entender melhor o conceito de empatia e enfatizar o fato de que interações sociais diversas podem propiciar o surgimento da empatia, contrariando a teoria.

No contexto do transtorno do espectro do autismo, pessoas autistas e pessoas neurotípicas com seus respectivos processos de



é especialista em Autismo & Desenvolvimento e Autismo & Comunicação, radcada na Holanda desde 1985. É mãe

de um autista adulto, escritora de textos sobre o TEA e ativista internacional pela causa do autismo.

Fátima de Kwant

✉ autimates@gmail.com **f** Autimates
🌐 www.autimates.com **i** @fatimadekwant

Ilustração Samyra Oliveira



neurodesenvolvimento distintos, a princípio poderiam ser semelhantes de outras maneiras, não necessariamente em razão da sua natureza (autista-não autista). Mais importante seria analisar seus valores, normas, preferências, hobbies, enfim, seus interesses em comum.

Algum preconceito poderia estar escondido sob a determinação da dupla empatia como definição da falta de sucesso na interação social de grupos heterogêneos.

O que pouco tem sido analisado é o fato de que pessoas de origens semelhantes nem sempre se entendem. A própria comunidade do autismo tem diversos subgrupos divergentes dentro da sua neurodivergência — idem dito com pessoas não autistas.

ESTUDO CIENTÍFICO PROMISSOR

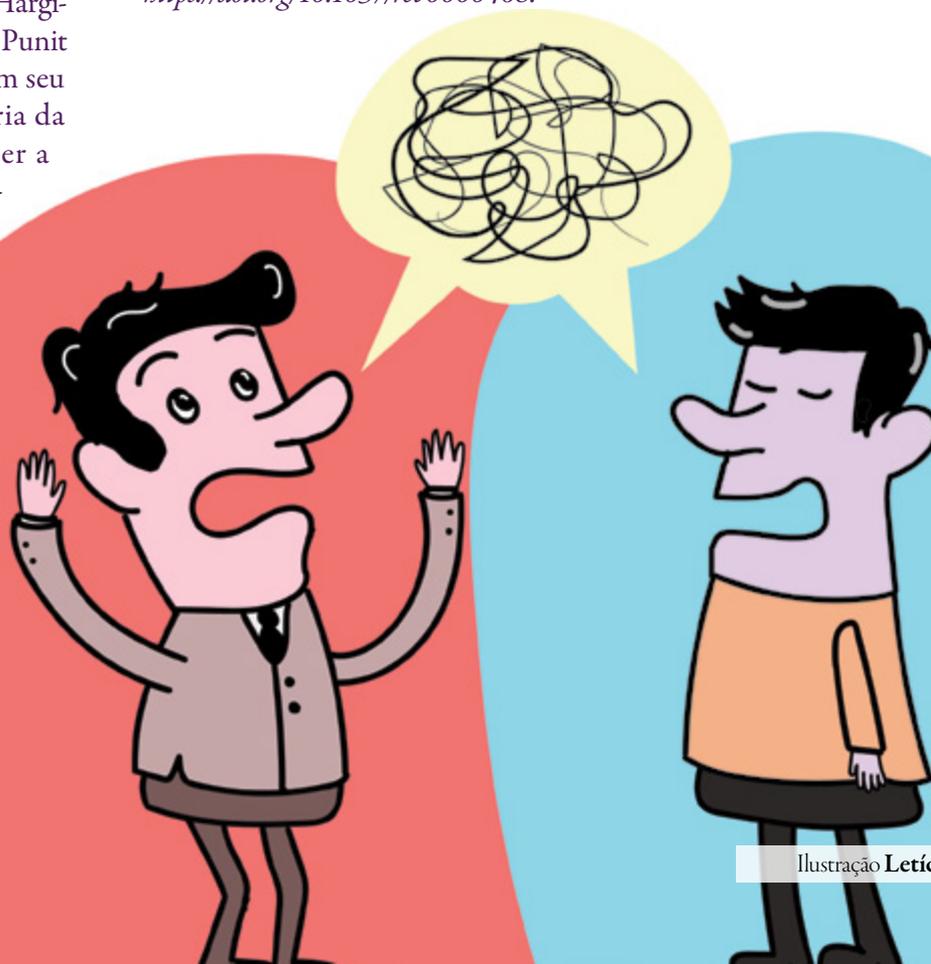
Os autores do estudo desenvolvido no Reino Unido — Luca Hargitay, Lucy Anne Livingstone e Punit Shah — por fim afirmam, em seu artigo original, que “a teoria da dupla empatia pode não ser a melhor maneira de progredir, mas pode servir como um trampolim para pesquisas futuras para responder a

esta e outras perguntas. Poderíamos realmente aproveitar a ciência social da empatia para entender essas questões sociais incrivelmente complexas. Isso pode, em última análise, reduzir o conflito social e melhorar a coesão social — mas devemos obter pesquisas no caminho certo para alcançar esse potencial.”

Conclui-se que a interação social e a empatia são bem mais complexas do que a teoria da dupla empatia apresenta ao colocar o foco no autismo em detrimento de outros fatores de identidade social. 🌈

Artigo adaptado do original de Luca Hargitai, Lucy Anne Livingstone, and Punit Shah (2024), disponível em: <https://psycnet.apa.org/fulltext/2024-87123-001.html>

Fonte: The Conversation, Neuroscience News (online), 09.jun.2024. Estudo: Livingston, L. A., Hargitai, L. D., & Shah, P. (2024). The double empathy problem: A derivation chain analysis and cautionary note. Psychological Review. Advance online publication. <https://doi.org/10.1037/rev0000468>.



SUICÍDIO DE AUTISTAS

Um problema de saúde pública que precisa ser mais discutido abertamente

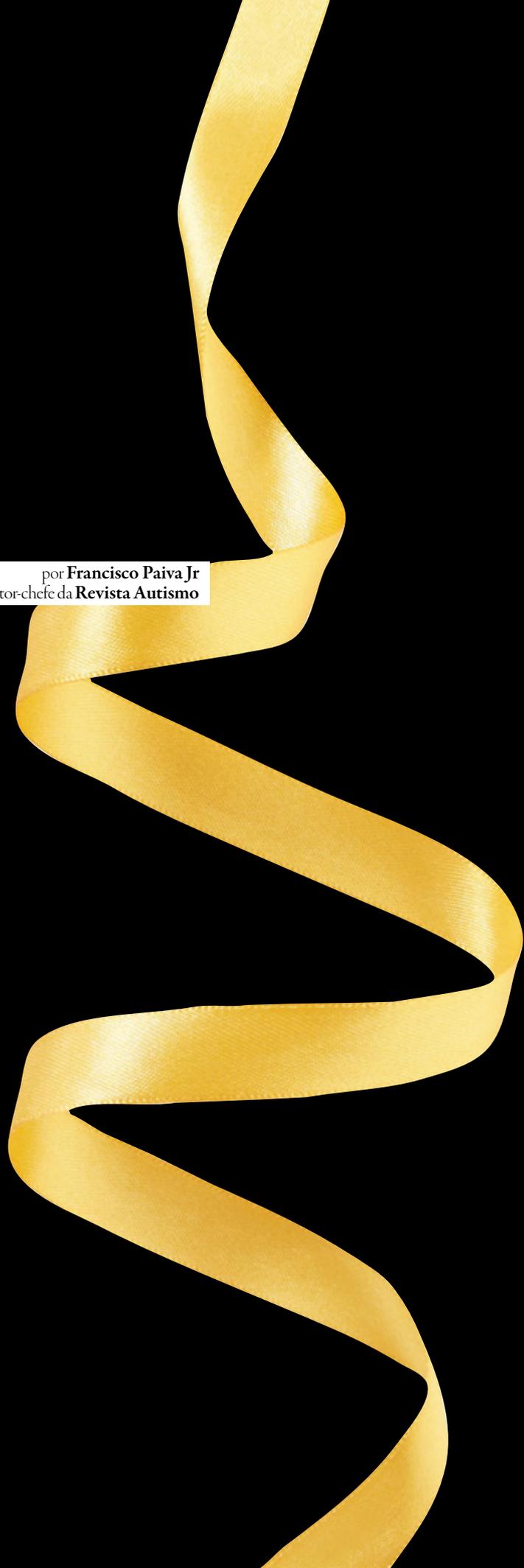
Com muita robustez, diversos estudos científicos apontam para um risco muito maior de suicídio entre pessoas autistas, se comparado à população em geral. Apesar de ser uma situação que comumente é subnotificada, os números dão conta de autistas tentarem tirar a própria vida quatro vezes mais que o restante da sociedade, serem hospitalizados por conta dessas tentativas seis vezes mais e efetivamente morrerem num número oito vezes maior que as demais pessoas.

É inegável que essa situação seja um problema de saúde pública. Infelizmente, porém, é um tema muito pouco discutido na sociedade e com quase nenhuma ação de saúde pública no país, em todas as esferas. Deixar de falar sobre suicídio entre autistas não tem feito menos pessoas e famílias sofrerem com essa questão. Com muito respeito, cuidado e empatia, o tema precisa ser abordado e debatido.

RELEVANTE E URGENTE

O objetivo desta reportagem é colocar o tema em pauta, mostrar

por Francisco Paiva Jr
editor-chefe da Revista Autismo



algumas histórias e estimular a discussão do assunto de uma maneira muito humanizada e respeitosa, com a plena consciência de que o tema é árido, denso, delicado, mas, sobretudo, relevante e urgente! O suicídio é assunto importante em qualquer população, logicamente. Entre pessoas com transtorno do espectro do autismo (TEA), porém, estudos científicos mostram que o risco é inegavelmente maior e isso estende-se, em muitos casos, a familiares também (levando-se em conta também a herdabilidade genética, pois familiares de autistas têm maiores possibilidades de serem autistas ou terem outras questões psiquiátricas, muitos ainda sem diagnóstico e sem nem levantar essa suspeita).

Muitos entrevistados não quiseram falar no assunto por ser um gatilho para sentimentos e lembranças dolorosas e outros queriam falar, me contaram suas histórias, mas temeram serem citados pelo estigma que a sociedade impõe — logicamente, respeitamos todos. Três autistas deram entrevista relatando até mesmo o “efeito terapêutico” de falar no assunto e na intenção de que isso possa ajudar muitas pessoas. A todos, sem exceção, agradeço pela colaboração.

ALERTA IMPORTANTE:

Se você tem muita sensibilidade ao tema ou pensa que este tema possa ser um gatilho para

emoções negativas, sugiro que você pule os próximos parágrafos e vá direto para o intertítulo “Ajude na pesquisa online”.

HISTÓRIAS REAIS, DORES REAIS

Fabio Sousa, o “Tio Faso”, um homem de 41 anos, diagnosticado autista na vida adulta, conviveu com pensamentos suicidas por mais de uma década e falou sobre como o diagnóstico de TEA lhe trouxe uma nova perspectiva. “Eu tive pensamentos suicidas constantes durante anos, especialmente antes de receber o diagnóstico de autismo. Eu quase fui embora por três vezes! Eu me sentia um peso pra minha família, porque eu acabava sendo sustentado por minha irmã mais velha e minha mãe e, desde adolescente até criança, eu via como os outros conseguiam fazer as coisas e eu não conseguia, sabe? Eu era uma criança sozinha, não tinha amigos, então isso, durante muitos anos, foi se acumulando... Numa dessas vezes, eu consegui entrar num pensamento bem racional e fui ler um manual de prevenção ao suicídio, e isso me ajudou a racionalizar e eu segurei a onda”, lembrou Faso, que é ilustrador e desenvolvedor de software, morador de São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo.

“Mas quando eu descobri que eu poderia ser autista, ainda antes do diagnóstico, esse pensamento automaticamente sumiu, a ideia de poder ser autista cortou isso, porque eu finalmente poderia entender quem eu sou, né? E achar uma solução pros meus problemas.

Estudos mostram que, entre autistas, o risco de suicídio é inegavelmente maior.

Então, antes de eu receber o diagnóstico definitivo de autista, eu já falava de suicídio, porque eu era diagnosticado com depressão severa. O intuito era desabafar nas redes sociais, no particular. Depois, quando eu descobri que isso é uma grande causa de morte de um autista nível um [de suporte], eu entendi que é muito importante falar abertamente, justamente para as pessoas entenderem que eu sei que pode não parecer, mas a situação vai melhorar! Eu sei que é difícil, eu sei que é puxado, mas tenha paciência, porque a gente tentar se matar é escolher um caminho sem volta para coisas que ainda podem ter solução. Se eu consegui aguentar mais de uma década com esse pensamento diário, eu acho que mostra para as pessoas que é possível segurar essa onda”, alertou Tio Faso, que também é um dos ilustradores da **Revista Autismo** há alguns anos.

DUAS TENTATIVAS

A jornalista e escritora Sophia Mendonça também lembrou suas experiências dolorosas com tentativas de suicídio. “Já tentei suicídio duas vezes. A primeira vez foi em 2017, a segunda, em 2023.



Esta última foi em meio a uma crise devido a um relacionamento abusivo e a uma medicação desregulada. Juntou-se a isso um episódio envolvendo publicações online e redes sociais que foram a gota d'água. A dor e o desespero foram tão intensos que eu realmente quis morrer, mas minha mãe conseguiu me socorrer a tempo.

É um assunto tabu! Mesmo no jornalismo como um todo, o suicídio é um tema muito delicado. Há toda aquela ideia de que saber disso pode despertar gatilhos em alguém (embora os estudos mais recentes apontem para outro caminho). Acredito que é importante munir as pessoas de informações, porque há muitos mitos sobre isso, como: 'depressão é doença de gente rica' ou 'quem quer não fala sobre isso'. E, quando acontece — e no autismo isso é estatisticamente muito mais comum —, as pessoas, famílias e comunidade médica dos hospitais, por vezes, têm ideias muito estereotipadas de como agir e muitos tornam-se mais duros e rigorosos, o que para diversos autistas pode ter um efeito contrário, visto que nossa comunicação tende a não ser tão funcional no que se refere a sentimentos e emoções. Some-se isso ao pensamento literal e a pessoa autista pode sentir-se desamparada e com a autoestima ainda mais prejudicada”, alertou Sophia, diagnosticada com TEA aos 11 anos de idade.

“É muito comum autistas terem que lidar frequentemente com sentimentos como impotência, frustração e dificuldades de lidar com muitos pensamentos dolorosos. Sei de muitos outros autistas que também tentaram suicídio. Nos casos que conheço, o

desejo não costuma ser morrer exatamente, mas acabar com aquele sofrimento, mesmo que isso custe a própria vida. Fico feliz em contribuir para esta reportagem para que se fale mais sobre o assunto e tenhamos menos estereótipos”, desabafou Sophia Mendonça, que hoje mora em Pelotas (RS) — a 261 km de Porto Alegre — e está com 27 anos.

COMORBIDADES E UM PROPÓSITO

Priscila Jaeger Lucas, estudante de mestrado, teve seu diagnóstico de autismo apenas na idade adulta. “Eu entrei num processo de crise extrema, que eu hoje defino como uma crise psicótica por causa das minhas comorbidades, uma delas é a esquizoafetividade, que é a esquizofrenia com características de bipolaridade. Eu adoeci mesmo em 2016 e 2017, meu diagnóstico foi no final de 2018”, contou Priscila, que relembrou características que traz desde criança. “Desde a infância, tenho questões de não me encaixar, não ter senso de pertencimento, desenvolver comorbidades e ficar à beira do suicídio. O maior choque da minha vida foi chegar no fim de 2021 e perceber que, pela primeira vez na minha vida, eu gosto de estar viva, eu gosto de quem eu sou, eu não mudaria quem eu sou e eu quero continuar viva. Eu não quero mais morrer, porque minha vida inteira eu tinha esse sentimento, mesmo que não fosse uma ideiação, digamos assim, ativa. Era aquela coisa passiva, do tipo 'se eu morrer tá tudo bem, eu não vou me matar, mas se eu morrer está de boa', sabe? Isso aconteceu depois de um processo de

medicação e terapia”, relatou Priscila Jaeger Lucas, de 29 anos.

“Entre 2018 e 2020, eu tive uma 'quase tentativa'. Pensei em meus pais. O que eles vão fazer? Eles vão sofrer. E minha gata? E esse é um ponto importante também, minha gata mais velha teve muita influência em eu continuar viva. Pela minha ligação espiritual com Deus, eu considero que foi um momento de salvamento, que eu tive. Não me importo se as pessoas acreditam na espiritualidade ou acreditam que foi meu cérebro. E eu considero que naquela época eu estava no meu extremo. Eu queria acabar com tudo, eu não queria mais sentir aquilo. Só que, ao mesmo tempo, eu procurava todas as formas possíveis, minúsculas, microscópicas, para continuar viva, me dar um propósito, que hoje eu considero que a carreira acadêmica é isso para mim”, argumentou Priscila, que é bolsista de pesquisa acadêmica na Unisinos, em São Leopoldo (RS), e mora em Nova Hartz (RS), cidade a 62 km da capital.

É PRECISO FALAR DE SUICÍDIO

“A maioria dos relatos de ideiação suicida que eu tenho conhecimento são de mulheres autistas com diagnóstico tardio. Infelizmente é um relato bem comum entre mulheres autistas. Acredito que falar, ao mesmo tempo que é



terapêutico para mim, pode auxiliar outras pessoas a tentarem ultrapassar essa questão”, contou Priscila Jaeger Lucas, integrante do grupo Liga dos Autistas.

“A gente tem esse tabu enorme com o suicídio, que não devia ter, porque quanto mais a gente não fala, mais a gente torna isso algo terrível e isso vai continuar acontecendo como sempre. Não falar sobre [esse assunto] não vai evitar suicídios. Falar abertamente, mostrar que dá para buscar ajuda, é o que vai evitar que as pessoas se matem”, finalizou Tio Faso.

CVV

Representando o Centro de Valorização da Vida (CVV), Rosmary Ferreira de Sá, que é voluntária na instituição, falou sobre a campanha nacional de prevenção de suicídio, o “Setembro Amarelo”, e destacou a importância de abordar o tema o ano todo. “Apesar de a campanha contra o suicídio acontecer em setembro, medidas de prevenção devem ser objeto de discussões durante todo o ano. O Setembro Amarelo é apenas um alerta”, enfatizou Rosmary, coordenadoras do Grupo de Apoio aos Sobreviventes do Suicídio do CVV Abolição, em São Paulo (SP). “O Ministério da Saúde vem se empenhando na implantação de uma política em prol da prevenção do suicídio e o CVV contribui constantemente para a prevenção com seu serviço gratuito”, completou Rosmary.

Fundado em 1962 e referência a respeito do suicídio no Brasil,

o CVV é um serviço voluntário gratuito de apoio emocional e prevenção do suicídio para todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo e anonimato. A instituição oferece atendimento pelo telefone 188 (24h por dia e sem custo de ligação), por chat, e-mail e pessoalmente (veja no site cvv.org.br). Nesses canais, são feitos mais de 3 milhões de atendimentos anuais, por aproximadamente 3.500 voluntários, presentes em 20 estados, além do Distrito Federal.

AJUDE NA PESQUISA ONLINE

Para termos mais informação a respeito deste tema no cenário brasileiro, a Tismoo.me, uma startup de saúde, está fazendo uma pesquisa online sobre a saúde mental de autistas. Quanto mais pessoas responderem, autistas e não autistas, melhor será a qualidade dos dados e a relevância do resultado. Por isso, peço sua ajuda para responder e divulgar a pesquisa para o maior número de pessoas possível, na sua empresa, na universidade, na escola, entre amigos, enfim, para todos que puderem colaborar com esse estudo investindo 3 minutos do seu dia para responder à pesquisa.

O endereço para responder ao formulário online da pesquisa é tismoo.me/pesquisa. Você ajuda respondendo, pedindo para toda sua família responder e também divulgando, inclusive nas suas redes sociais.

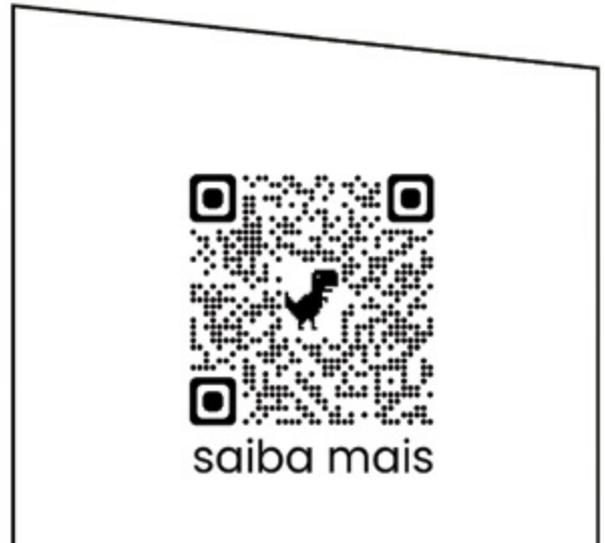
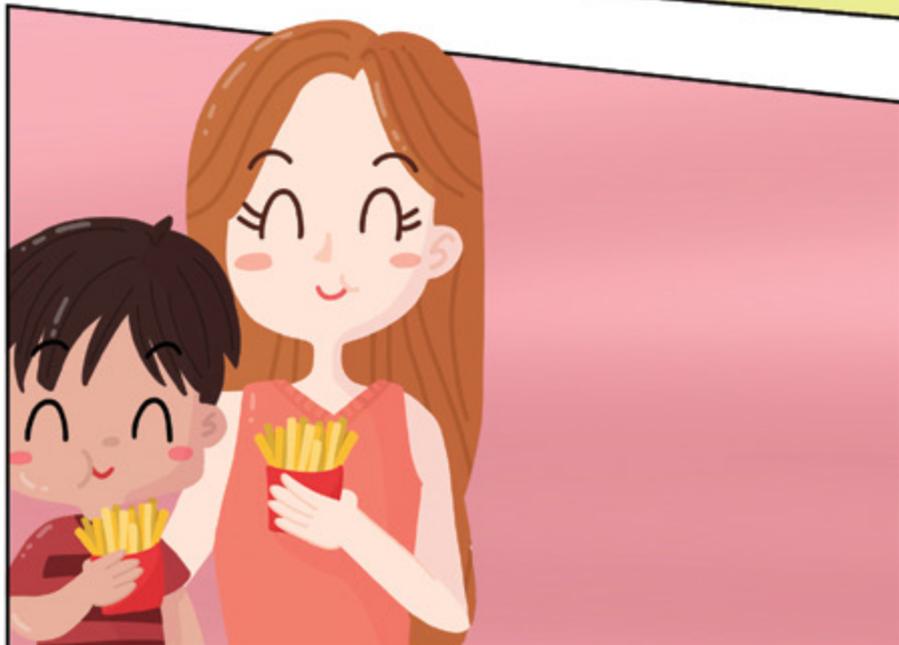
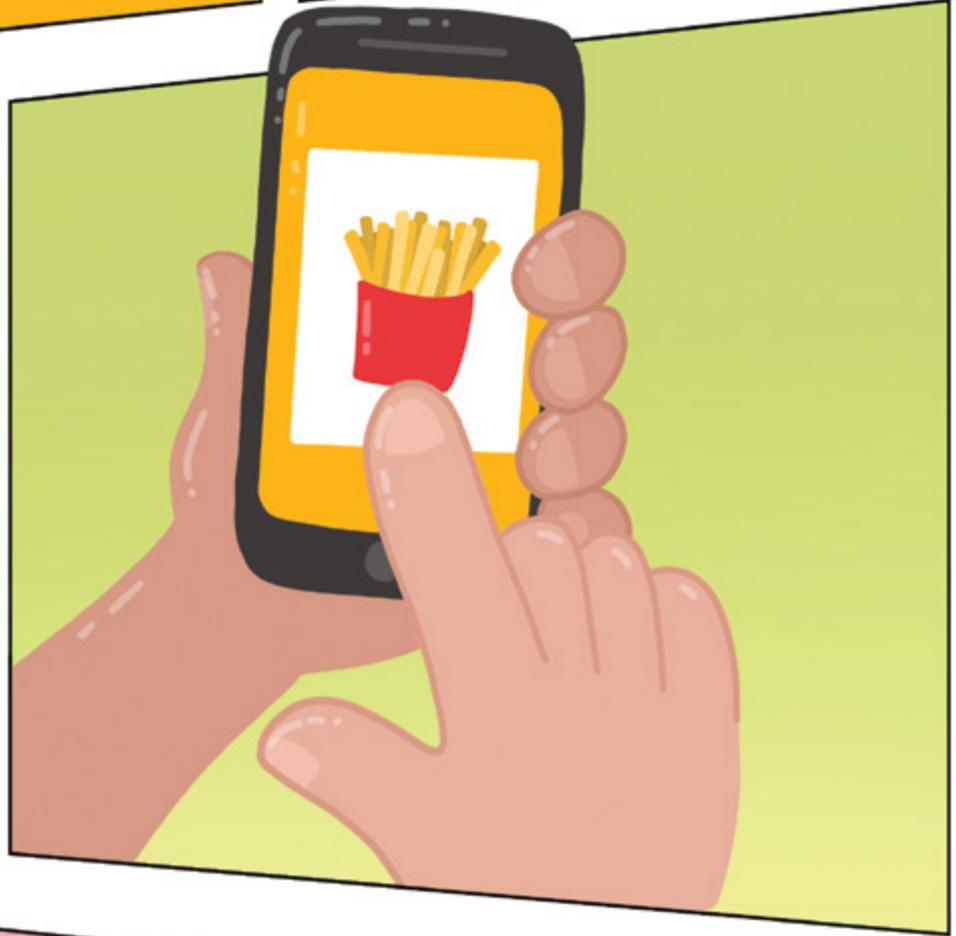
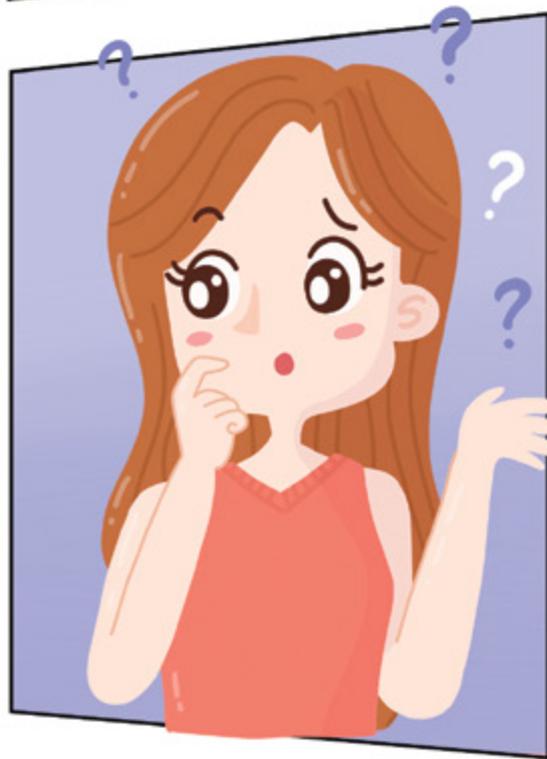
**O CVV
atende pelo
telefone 188
(24h/dia
sem custo
de ligação).**

ESTUDOS CIENTÍFICOS E MAIS CONTEÚDO

A quem quiser se aprofundar neste assunto, os links para os estudos científicos e para conteúdos extras estão na versão online desta reportagem, que pode ser acessada por meio do QR-code que está na página do índice desta edição. 📄

Use este QR-code para responder à pesquisa online sobre saúde mental.





C • A • N • A • L AUTISMO

Veja alguns destaques resumidos do Canal Autismo, que publica conteúdo diário sobre autismo. Para ler os textos completos de cada notícia, acesse o site CanalAutismo.com.br ou use o QR-code que está na página do índice desta edição.

BH terá o maior evento de autismo de MG em novembro

Nos dias 15, 16 e 17 de novembro de 2024, Belo Horizonte (MG) será sede da terceira edição do Simpósio Autismo na Atualidade, um evento que reunirá mais de 50 renomados profissionais de diversas áreas para discutir temas cruciais relacionados ao autismo, o maior evento de autismo de Minas Gerais.

Sob o tema “Do diagnóstico diferencial ao tratamento das comorbidades”,

o simpósio promoverá uma imersão de três dias no universo do transtorno do espectro do autismo (TEA) e seus desafios associados. O evento será realizado no The One Business, na Avenida Raja Gabáglia, e é organizado pelos idealizadores do projeto Montando Um Time, que visam transformar o preconceito em conhecimento e promover a inclusão, com lançamentos de livros, concurso de trabalhos científicos e *workshops* de diversos temas, como: adaptação de material

pedagógico, arteterapia, hipotonia, sexualidade e muitos outros.

PALESTRAS

Com a participação institucional do Ministério Público, o evento conta com palestras de Anderson Coelho (fisioterapeuta, presidente do Crefito), Bruna Ituas-su (médica pediatra e criadora do Manual

Nestes 15 anos, muita coisa voou em nossas aeronaves. Até bolo de casamento.



azulcargoexpress.com.br
Acesse o site ou procure a loja mais próxima.



Felipe
Chefê Confeiteiro
Manaus, AM

880 km

Flávia
Noiva
Altamira, PA



Longe, é um lugar que não existe para nós.
O Felipe e a Flávia são testemunhas, não faltou bolo pra ninguém no casamento dela.



Florence Assis e Gustavo Lavorato, organizadores do evento, no simpósio de 2023, em BH.



Divulgação

de Consulta e Acompanhamento do Autista), Bruno Oitaven Barral (secretário municipal de Educação), Dr. Carlos Gadia (neuropediatra), Franklin Façanha (advogado da causa autista no Estado de Pernambuco), Flávia Marçal (advogada e mãe atípica), Thor Kopperud (autista, pintor e escultor), Samuel Vitor (autista, escritor, músico, poeta e pintor), além dos promotores de justiça Vania Samira Doro Pereira Pinto (coordenadora do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Promoção dos Direitos das Pessoas Idosas e das Pessoas com Deficiência) e Luciano Moreira de Oliveira (coordenador do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Defesa da Saúde), entre outros nomes relevantes no

ecossistema do autismo. Segundo os organizadores — o casal Florence Assis, médica cirurgiã cardiovascular, autista e mãe atípica, e o esposo, Gustavo Lavorato, procurador do Estado do Rio Grande do Sul —, o simpósio “tem 50% dos ingressos solidários e oferece uma programação diversificada que inclui palestras, rodas de conversa e workshops, todos com embasamento científico. O objetivo é capacitar e informar os participantes, ampliando a rede de apoio a famílias e profissionais que lidam com o autismo”. As inscrições estão abertas e podem ser feitas pelo site oficial do evento (autismonaatualidade.com.br) ou pelos telefone (31) 99645-2224 ou ainda pelo e-mail: montandoumtime@gmail.com.

Projeto Autismo Cartoon, de Passo Fundo (RS), lança livro ‘Nuvenzinha Sophia’

Emanuele Souza da Silva, inspirada pela experiência com seu filho autista, lançou o livro infantil “Nuvenzinha Sophia”, que narra a jornada de três amigos em busca de compreender o transtorno do espectro do autismo. A obra, que visa sensibilizar o público sobre a importância do amor e do respeito ao abordar temas

complexos, é uma extensão do trabalho de Emanuele com o projeto Autismo Cartoon, que há sete anos vem promovendo a inclusão nas escolas de Passo Fundo (RS). Nuvenzinha Sophia e seus amigos Anthony e Juan em uma Aventura do TEA é um exemplo de como a empatia e o desejo de ajudar podem fazer a diferença.



Cursos e Produtos:
www.pecs-brazil.com

Ensine seu filho(a) ou
aluno(a) as habilidades
necessárias para comunicar
funcionalmente



PECS Nível 1, PECS Nível 2,
Certificação Implementador
PECS, Habilidades de
Comunicação Críticas e
ABA Funcional



PYRAMID
EDUCATIONAL
CONSULTANTS

Pyramid Consultoria
Educativa do Brasil Ltda
Avenida Afonso Pena, 3924, Sala 310
Belo Horizonte, Minas Gerais



Podcast Espectros traz Costa, Chacur, Assumpção e Almeida

O “Espectros”, podcast mensal desta Revista Autismo, trouxe como entrevistado no mês de agosto de 2024 o psicólogo Alexandre Costa. Em julho, o jornalista Tiago Abreu entrevistou o médico psiquiatra Francisco Assumpção Jr., pesquisador, professor, escritor e um dos profissionais mais longevos ligados à comunidade do

autismo. No mês anterior, em junho, o episódio teve a participação de uma pessoa autista: o professor Guilherme de Almeida, ativista e palestrante. Em maio foi a vez da arquiteta Ana Paula Chacur, mãe de autista e ativista da causa, um dos principais nomes na discussão arquitetônica do autismo no país.

Filme sobre autismo, ‘Meu Filho, Nosso Mundo’, com Robert De Niro, estreia nos cinemas de todo o Brasil

Estreou em 15.ago.2024, nos cinemas de todo o Brasil, o filme “Meu Filho, Nosso Mundo” (título original em inglês: “Ezra”), com a participação de Robert De Niro. O filme tem sua história centrada num garoto autista e nos desafios e alegrias da atual fase de sua família.



Divulgação

Cena do filme “Meu Filho, Nosso Mundo”.



A inclusão é um dos caminhos que guia nossa rota.

Nós, da Jamef, seguimos juntos com a Revista Autismo na jornada de construir um mundo com mais inclusão e diversidade, colaborando com a distribuição dos exemplares em todo o Brasil, reforçando nosso compromisso com a sociedade.



PARTICIPE DO MAIOR SIMPÓSIO DE MINAS GERAIS SOBRE AUTISMO!

UMA IMERSÃO DE 3 DIAS QUE REUNIRÁ PROFISSIONAIS RENOMADOS DE TODO O BRASIL. INFORMAÇÃO, APRENDIZADO E NETWORK.



3º SIMPÓSIO AUTISMO NA ATUALIDADE

DO DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL AO TRATAMENTO
DAS COMORBIDADES

 15, 16 E 17
DE NOVEMBRO

 De 8h
às 18h

 THE ONE BUSINESS
Av. Raja Gabáglia, 1143 - Luxemburgo
Belo Horizonte - MG





Quem é **Montando Um Time**?

O "Montando Um Time" é um projeto de impacto social liderado por Florence Assis, médica cirurgiã cardiovascular, e Gustavo Lavorato, Procurador do Estado do Rio Grande do Sul. O nome surgiu como uma brincadeira, já que o casal, ao ter cinco filhos, ouvia com frequência a pergunta: "Vocês estão montando um time?". Com o tempo, a expressão carinhosa ganhou um significado mais profundo, representando a união e a força da família.

Inicialmente, o perfil @montandoumtime tinha o objetivo de manter familiares e amigos próximos, já que moravam no interior do Rio Grande do Sul. No entanto, tudo mudou quando seu quarto filho, e o caçula, foram diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Diversas experiências e a falta de inclusão social, fizeram com que Florence e Gustavo transformassem o projeto em impacto social, de conscientização e apoio para outras famílias que enfrentam desafios semelhantes. Criando conteúdos educativos, podcasts, eventos e o Simpósio Autismo na Atualidade, este, que tem a próxima edição nos dias 15, 16 e 17 de Novembro, com a participação de profissionais e especialistas da área, com o objetivo de ampliar a compreensão e aceitação do autismo na sociedade.

O Simpósio AUTISMO NA ATUALIDADE, é o 3º organizado pelo Montando Um Time e será o maior simpósio de Minas Gerais sobre o tema, que acontecerá no The One Business Center, no bairro Luxemburgo, em Belo Horizonte. Os ingressos estão disponíveis através do link disponível no instagram do @montandoumtime e no site www.montandoumtime.com.br. O site fornece também diversos serviços, como assessoria empresarial, assessoria pessoal, palestras e treinamentos.

Entre as várias iniciativas do "Montando Um Time", destacam-se também a criação do Selo de Ambiente Inclusivo, concedido a estabelecimentos comerciais que passam por um processo de treinamento para melhor atender pessoas com TEA. Com o selo o projeto tem como objetivo fazer de Belo Horizonte a primeira capital verdadeiramente inclusiva do país!!!!

A missão do "Montando Um Time" vai além de informar, trata-se de transformar. A história do projeto é, em essência, uma história de amor: amor pelos filhos, pela família e pela sociedade. Hoje, mais do que nunca, o projeto "Montando Um Time" não trata apenas sobre uma família numerosa, mas sobre uma rede de proteção unida pela inclusão e pela esperança de um mundo melhor.

Quer desvendar
os mitos e as
características
do autismo?

Um livro ideal
para quem acabou
de receber o diagnóstico
ou tem dúvidas sobre ele.

